



Dalila Teles Veras

# DIUTURNOS



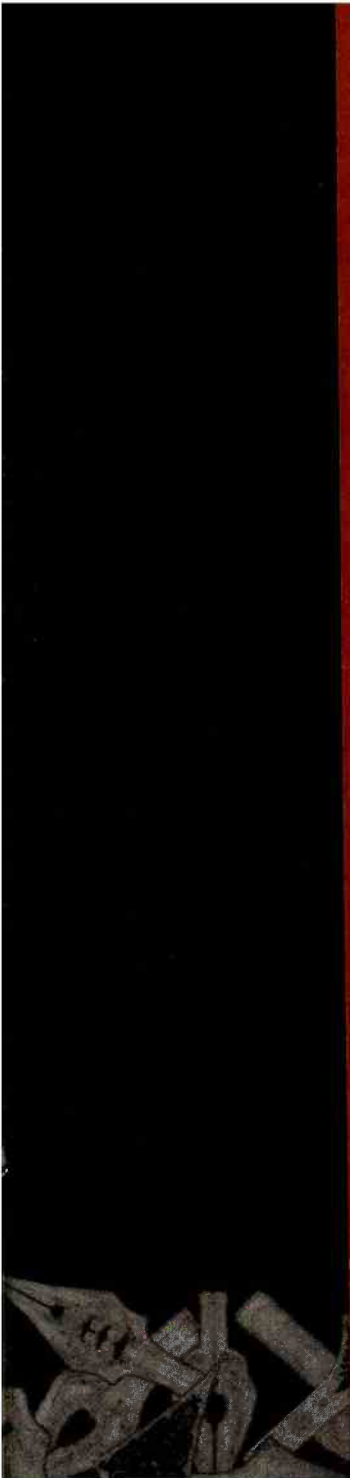
Cara Dalila,

preparei-me olhos e alma para ler o (provisoriamente) Minudências. Não haveria surpresa se considerasse somente o fato de que já havia lido preliminarmente 'seis meses'. Mas, do princípio ao fim, há. E creio que haverá a cada leitura (faz querer relê-lo), tão pleno e tão prenhe de poesia, da sua poesia, a cada sinal gráfico que impressiona meus sentidos. Está no papel, transbordante, rescendendo, mas não contida. Eu diria domada. A poesia é forte, mas reconhece quem a domina.

Acredito desde sempre na face historiadora do escritor, do(a) poeta, mas sempre muito mais que o primeiro porque, além do mais, compreende e manuseia e, quiçá, registra os vieses dos sentimentos de mundo. Já que falamos sempre dos mesmos temas (a poesia não descobre temas novos todos os dias, não?), isso é o que há de importante na poesia, que forja e constitui o estilo e a perpetuação. Então, a sua poesia já não carece de versos nem para dar-lhe musicalidade e ritmo, que reputo quase sempre fundamentais.

Afortunadamente, o conjunto não é linear, unísono, melhor, não tem o tempo todo o mesmo tom. Há, às vezes, uma quebra do ritmo do conjunto, como se nós, em posição de repouso por algum tempo, mudássemos de posição para permanecermos confortáveis. Sim, porque mesmo nos momentos de nem tanta poesia (lirismo?) persiste a catarse, a empatia. Eu disse confortável, mas paradoxalmente inquieta, inquietante.





Mesmo que em alguns momentos fosse impossível manter-me como "observadora", com o desejável distanciamento, tentei - e creio ter conseguido - percorrer seu texto com toda a isenção. Uma vez mais, ponto para você que diz muito mais também quando diz menos. Não que tal síntese (que muito me agrada), que tal comedimento seja imperativo, mas tal parcimônia faz a reflexão e a poesia reverberarem prolongadamente em mim e, creio, em qualquer outro leitor. E, nas entrelinhas das entrelinhas, transparece involuntária e naturalmente as quantas leituras (o tal saber cumulativo) devidamente antropofagizadas (existe isso?) que dão estofa e peso a cada palavra e conceito entrelaçados.

Embora sabendo que não é nenhuma novidade, cabe afirmar que (para o bem da cultura, da literatura e da poesia) seu espírito é mesmo aventureiro, não no sentido pejorativo da palavra hoje, mas no embrenhar-se pelos temas que a apaixonam e instigam.

Penso que boa parte do valor desta obra reside na postura observador/sujeito/observador da poeta inserida, engajada, comprometida (compromissada, gosto mais), montando um mosaico do espaço-tempo que bem pode ser qualquer um, posto que a sua transgressão a faz universal.

De minha parte, como leitora muitas vezes privilegiada, só tenho a agradecer o sempre presente que é a sua palavra.

Grande abraço.

Rosana

pensando bem, este diário (?) está sendo assim escrito quase à maneira dadá sem dadá pretender imitar (a não ser da(da)lila). valho-me do cotidiano sem assumir responsabilidades com ele, tentando ser outra coisa que dialogue com a literatura e a poesia, sem ser voz de uma única nota nem caminho de mão única. seguirei a registrar impressões, piscadas de alguma luz, imperceptíveis marcas que meu olhar e cérebro registram e, antropofagicamente, transformam em outra ração para ser mastigada/compartilhada com outro possível olhar acumpliciente e leitor



Para o poeta Soares Furtoso,  
este caderno de registros  
do já distante ano 2000,  
foi em 2012 publicado  
(à minha revista) para  
"comemorar" os 30  
anos de publicação

DIUTURNOS

e vida literária de  
poeta.

Atenciosas  
admirações  
de

Dalida

Jan. 14

Copyright © Dalila Isabel Agrela Teles Veras, 2012

## Diuturnos

Projeto gráfico e diagramação:

Rosana Chrispim, Fátima Roque e Luzia Maninha

Revisão: Rosana Chrispim

Capa: Guedo Gallet e Isabela A. T. Veras

Desenhos: Guedo Gallet

Alpharrabio Livraria e Editora Ltda.

Rua Eduardo Monteiro, 151

09041-300 - Santo André - SP

Fone: (11) 4438.4353

E-mail: [alpharrabio@alpharrabio.com.br](mailto:alpharrabio@alpharrabio.com.br)

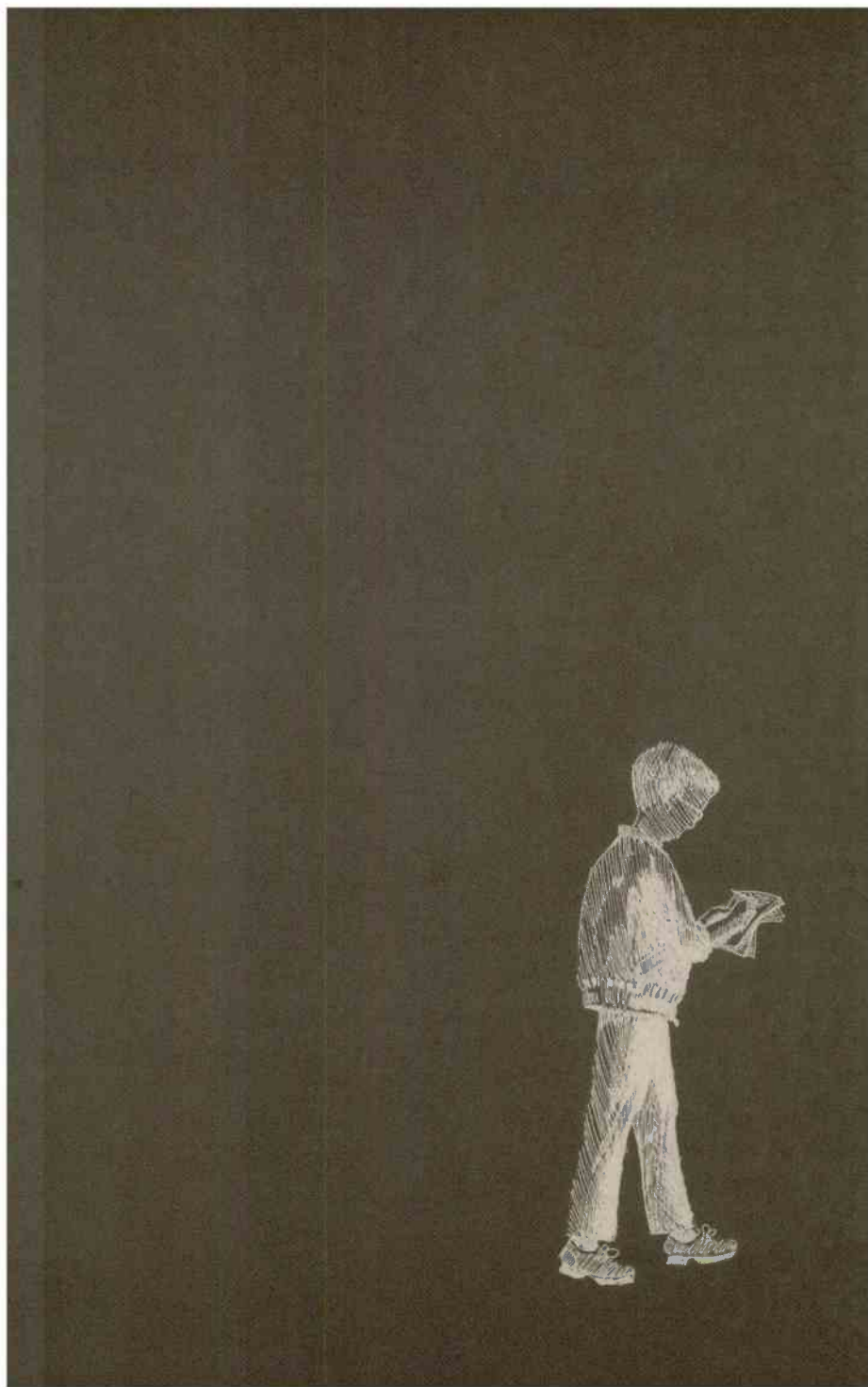
Dalila Teles Veras

DIUTURNOS

  
Alpharrabio  
Edições











## JANEIRO

sábado 1 nem milênio, nem século, nem ano, apenas um novo tempo se inaugura, sob o peso cabalístico dos zeros e a vontade de mudar fatalismos decretados por profetas equivocados. o milênio nasce (sem discussões. ponto). é tempo novo, pois novo é o dia de todo o dia. o cheiro de churrasco mescla-se ao verde mata atlântica. o planeta tem cura

**domingo 2** são jerônimo, douto e amante das belas letras, viveu no oriente, meditou no deserto, foi a roma, traduziu os textos sagrados do hebraico para o latim, a chamada vulgata, como é sabido. 19 séculos depois, a criatividade brasileira o coloca em meditação na paisagem da caatinga, como se ele mesmo cacto fosse. um el greco em cenário e luz naturais. a sala escura transformada em galeria: magia

**segunda 3** o poder das epístolas grafadas em tinta quink azul real lavável, remete a carteiras de infância, dedos manchados de azul e ao arranhar de penas no papel. novo século entrante e o rito encantatório de celebrar sentimentos e idéias no papel – digitais humanas, pegadas, marcas corporais – persiste e deseja ficar

**terça 4** isabel funchal e ciro luzilândia vivem juntos há vinte e oito anos e juntos frequentam atividades mundanas, culturais e sacras, comem à mesma mesa e dormem com os corpos colados, deixando vagas as beiras da larga cama, como se um só corpo fossem. comungam juntos o dia-a-dia, reservando-se ao luxo de largos silêncios, quando cada qual viaja para seu mundo reserva, sem comentar o que fez na viagem. ambos escrevem um diário onde (re)criam viveres autônomos

**quarta 5** verduras a estalar frescura, peixes a saber maresia, pregões a soar ritmos, vizinhos a trocar vizinhanças na feira livre do jardim bela vista. o almoço atrasa por conta dos abraços e do alubrimento diante de tanta cor e cheiros verdes

**quinta 6** come, bebe, dorme, trabalha, escreve, esbraveja, afaga, defende, acusa, pensa e respira: insondável máquina movida a plasma.

em frações de segundos, aquilo que seria uma máquina (quase) perfeita, é apenas fragilidade e carências. ainda assim, a inútil arrogância dá (a alguns) a ilusão de imortalidade

**sexta 7** manhã: as comadres na calçada, displicentes, mangueiras esquecidas, deixam que o líquido precioso escorra rua abaixo, acreditando inesgotável esse esgotável bem. noite: diante do prazer da água morna escorrendo pelo corpo – após um dia poluído – prazer ainda não acessível a todos os vivos, instalam-se os remorsos ecológicos, desencadeados pelo gesto impensado das vizinhas

**sábado 8** a arte sacra faz parte de ritos ancestrais: dar um rosto ao imaginário, reproduzi-lo através dos séculos, emprestar feições humanas a deuses e santos é uma forma de assemelhá-los e nisso o homem tem historicamente se empenhado com muito engenho e arte. falta-lhe apenas o sopro divino, ainda que o mesmo possa ser detectado na expressão cunhada por alguns mestres desse ofício, dos quais o museu da rua tiradentes é fiel relicário. colados às paredes de taipa, os cânticos gregorianos remetem a um deus quase palpável

**domingo** 9 jornais são empresas que vivem de capital e de anúncios, estes, muitas vezes, travestidos de matérias jornalísticas. às vésperas de renovação das administrações municipais, em muitos deles, é fácil verificar a ausência de isenção – a publicidade travestida de notícia

**segunda** 10 : um cavalo baio recebe a menina que fui e, louco, cavalga, voando na mesma altura do sonho. tão distante a menina – tão próximo, ainda, o sonho

**terça** 11 a história de duas pessoas pode não fazer parte da história, mas é também história e precisa ser respeitada. microcosmo de insignificâncias, pleno de sentidos, que só a dois seres dizem respeito e, no entanto, é também parte do cosmos, no qual interage



quarta 12 não, não é na carne onde se dá o desejo. é nas profundezas do cérebro onde nasce o apetite, deglutição insaciável de mundo. o corpo limita-se apenas a responder aos estímulos do espírito

quinta 13 o motorista do carro em plena avenida portugal: eu amo as pessoas, eu amo as pessoas, e joga beijos no ar. neste louco mundo louco, alguns enlouquecem, levam uma metralhadora ao cinema e fuzilam a platéia. outros, como esse, preferem enlouquecer declarando amor à humanidade

sexta 14 desconfiariam ontem, todas aquelas vítimas das tragédias provocadas pelas torrenciais chuvas, de que hoje o sol viria a brilhar desta maneira? brilhará ele para aqueles infelizes, que perderam sua história de vida na lama que invadiu e destruiu suas casas e pertences? o preço da urbanidade, do asfalto impensado, do excesso de lixo, torna-se insuportavelmente oneroso para um cidadão tão perversamente incluído nessa realidade travestida de progresso

sábado 15 passeiam meus olhos pelos alfarrábios e suas marcas, sinais ali deixados por olhares de outros tempos, olhos que lhes roubaram saber. fazem-se novos estes velhos livros, quando inaugura-os o meu olhar e a minha leitura, renovando-me

**domingo** 16 radiografar, no seu mais puro significado semântico, significa utilizar-se da propriedade do raio x para impressionar uma película sensível. é assim na radiografia convencional. já na radiografia numerizada ou digital, diz a ciência, utilizam-se cristais detectores como base de recolhimento de informações, e sua decodificação requer competência humana altamente desenvolvida. tanto na ciência como na vida em sociedade, as informações são cumulativas, não adianta amontoá-las aleatoriamente, recolher um fragmento ali outro acolá, pois jamais produzirão conhecimento

**segunda** 17 teria a inglesa da era vitoriana, anna leonowens, penetrado o coração do rei mongkut e provocado uma verdadeira revolução modernista (diga-se capitalista) ocidental no sião, em meio a tanta tradição? os tailandeses de hoje protestaram contra o que acreditam ser delírio cinematográfico e proibiram o filme. a lindeza da fotografia e a atuação da protagonista no seu papel de pré-feminista-romântica-platônica convence. quanto à verdadeira história... ora, trata-se apenas de um filme, saído dos fornos de hollywood

**terça** 18 pensar uma cidade para o futuro é tarefa das mais árduas, quando sequer sabemos ao certo da nossa cidade hoje, dos seus escaninhos, dos seus quintais, dos seus sonhos, das cores de sua alma. um grupo de cidadãos, no entanto, vem praticando esse fascinante exercício, tardes adentro, a projetar vontades

quarta 19 tive um tio marinheiro que me enviava cartões postais dos portos por onde passava o seu navio e que serviram de suportes para minhas posteriores viagens. era bom ter um herói consanguíneo. esse meu ulisses particular, sempre que voltava à sua ítaca era para contar. como qualquer bom ficcionista, sabia criar gentes e países, inclusive, (re)inventar-se permanentemente. hoje, disseram-me seu tio morreu

quinta 20 o museu de arte moderna acolhe os trabalhos do artista da moda com grande repercussão na mídia, reverências infundas, catálogo maravilhoso, verdadeira estrela das artes visuais. vidro em contato com a pedra bruta. quadros de sucata. palavras escritas com parafina em placas de vidro. óleo derramado compõem a mostra. sem vocação para esportes radicais, escorrego na parafina do piso. dentre os novos, faz-me falta um certo olhar novo (meu?), que possa tirar o fôlego e fique colado às paredes dos sentidos

sexta 21 o país que não se envergonha da violência, da exclusão social e da miséria (há até um ministro que chega a achá-las poéticas) manda, hipocritamente, castigar a nudez: a polícia prende a moça que praticava topless em uma praia do rio de janeiro. com sutiã, por minúsculo que seja, pode (serve até de publicidade para atrair o turismo sexual), mas com os seios à mostra, jamais. a tarja proibitiva transforma-os em objeto de desejo, mantém a reserva de mercado... o ranço do falso moralismo agarrou-se às dobras dos costumes e não mais largou

sábado 22 nos trópicos brasilis, a língua falada distancia-se cada vez mais da língua escrita. devo escrever como falo/ falamos ou falar como escrevo/escrevemos ou, ainda, preocupar-me com exercícios de linguagem, que só provocam a mais fria indiferença na esmagadora maioria dos mortais? para quem a palavra escrita, se os simples cidadãos necessitam apenas de tão poucos vocábulos para (sobre)viver?

**domingo** 23 o fascínio (e o paradoxal temor) que o mar exerce sobre mim e, provavelmente, sobre todos aqueles que nasceram em lugares onde a terra sempre acaba, me leva a levantar a hipótese de que não foi o comércio nem a busca dos metais preciosos e das especiarias que moveram as caravelas em busca de novos mundos, mas simplesmente o fascínio do navegar por navegar (enfrentar o temor?)

**segunda** 24 as palavras ficam gastas com o convívio prolongado entre os seres (o que fica é o sentir) é só acabar de pronunciá-las para perceber as suas bordas abocanhadas, a entonação em tom sépia, a doçura revestida de uma certa acidez. as palavras, repetidas ao longo de muitos anos entre as mesmas pessoas, revestem-se de bolor, processo inverso ao de alguns outros objetos que, com o uso, ficam polidos. palavras só são novas ditas/escritas a pessoas novas, o cotidiano e o convívio as oxida

**terça** 25 um único vocábulo suscita meia hora de discussão, o que desmonstra que conceitos são construídos de acordo com a necessidade momentânea. em conceitos, ainda que assim pensem alguns, nada está implícito, tudo é uma questão de interpretação. ainda assim, é divertido observar o que as idéias e o olhar de poetas e ambientalistas podem provocar nas mentes e convicções econômicas e mercadológicas

**quarta** 26 o vazio de um dia pode ser tão grande que engole o próprio dia e todos os seus grandes e pequenos acontecimentos, que passam a ser banais quando o olhar não está suficientemente livre para torná-los, ao menos, literatura. meus olhos, hoje, só enxergaram o vazio e ordinário

**quinta** 27 a paixão da professora cubana, ao falar da cultura de seu país (“faltam-nos muitas coisas, sim, mas sobram-nos tantas) emociona. aproximações mestiças

**sexta** 28 as palavras a bailar no vídeo impedem o trabalho. a cabeça à roda a impedir o olhar e o pensar. chá de limão com alho é tentativa de eliminar a gripe pelas vias empíricas

**sábado** 29 no ano novo, já caminhando para velho, a única novidade continua representada nos seus muitos zeros, ainda não completamente automatizados. ao redor de uma rodada de cerveja, a repetição, o enfado, para quem sequer gosta de cerveja



**domingo 30** a velhice sem acúmulo de riqueza espiritual é verdadeira tragédia. o vazio é proporcional à decadência do corpo. a memória que não retém o melhor, cultiva rancores que vão carcomendo suas bordas. a longevidade só faz sentido se houver relicários que possam ser abertos à recordação. preparo-me, enfeitando caixinhas de todos os tamanhos para armazenar os sentidos. o ato de reabri-las, acredito, abastecerá a anciã em que logo me transformarei

**segunda 31** os espaços físicos preenchidos pelos espaços do afeto. as princesas voltaram, bronzeadas de juventude. o trasbordamento, a substituir o silêncio. plenos, os cheiros e os gestos do existir co-habitam a casa enorme, agora já tão pequena, diante da algaravia

## FEVEREIRO

**terça 1** a mendicância estudantil voltou às ruas sob o rótulo eufemístico de trote, ainda que as faculdades prometessem sua proibição. a mão estendida da classe universitária, filha da burguesia, assimila gestos de outras gentes, que, só por desgraça, estendem as mãos. a estética da miséria teria virado moda entre modas?



quarta 2 chá de limão para um, mel com própolis para outro, caldo de carne para aquele outro. a família, sob um surto repentino de gripe, resiste, recorrendo à memória e à prática de ritos populares, contraponto ao lucro certo sobre a dor alheia praticado pelas farmácias/supermercados que oferecem medicamentos como se iguarias gastronômicas fossem

quinta 3 o pintor do universo caipira paulista é revisitado por vários artistas nos seus cem anos. a pintura menos explícita de hoje, implica num exercício de imaginação bem mais complexo do que aquelas figuras quase retratos (mas não só) de antes. o diálogo soa verdadeiro e a ele espectadores não passivos acrescentam a parte que lhes cabe

sexta 4 motoqueiros em fila esmurram o capô dos carros que circulam à esquerda da avenida exigindo, com gestos, que se mantenham beirando o meio-fio, deixando livre uma hipotética faixa exclusiva para esses ágeis e voadores meios de transporte em duas rodas. os pobres motoristas dessas obsoletas máquinas estupidamente paradas, por mais que se esforcem, não conseguem enxergar a tal faixa e nem descobrir em que parágrafo do código nacional de trânsito ela se encaixa

sábado 5 um certo desassossego diante da indiferença e desarticulação geral daqueles que lidam com algum tipo de manifestação artística. falta vertigem, sobram insondáveis fossos e lamentos

**domingo** 6 além do enfermo, o cuidador anfitrião deve cuidar igualmente das visitas. além do doente, o cuidador precisa cuidar do café, dos biscoitos, dos refrigerantes e fazer sala às visitas do doente. acabada a festa, retorna o cuidador aos seus cuidados, proibido de expressar sua exaustão

**segunda** 7 tempo impreciso:  
chuva, sol e frio  
homens incertos  
falhada previsão

**terça** 8 o conhecimento gera sedes e certezas de jamais saciá-las. tão pouca a vida para tanto a conhecer e projetar. pobres irremediáveis são aqueles destituídos da curiosidade intelectual, motor indispensável na transformação (e na angústia da certeza do nunca saber)

**quarta** 9 o gestor público dos projetos e atividades que lidam com a palavra tem medo da palavra e não fica à vontade com ela nem com os planos ligados a esse universo. moral da história: a palavra em casa errada atrofia-se e emudece

**quinta** 10 conformismo. desejos ausentes(?)

**sexta** 11 as unhas, pintadas cuidadosa e diariamente – azul, amarelo, marrom – usadas como uma espécie de bandeira e escudo, aquela a sugerir um status do que poderia ter sido, este a negar a origem, a exclusão e o trabalho rude, singelo disfarce que a reveste de tanto orgulho

**sábado** 12 a moça tímida quer saber como é que se faz poesia e pede receitas. a moça tímida circula por entre os poetas e deseja perscrutar-lhes as almas, arrancar-lhes segredos. os poetas esqueceram de dizer à moça tímida que desista de tentar desvendar os mistérios dos poetas e trate logo de fabricar os seus

**domingo** 13 o pensador luso, entrevistado em londres:  
“desde o romantismo, pelo menos, que a nossa mitologia cultural era de essência literária (...) uma das características do nosso imaginário cultural neste fim de século – sempre dentro de uma concepção elitista dele – foi a da inclusão nele de criações que sem serem de ordem literária se tornaram como elas figuras incontornáveis da nossa dimensão cultural. Penso naturalmente na pintura, na escultura, no cinema, na música, no canto, na dança, na arquitetura, no teatro.” pergunto: e nós, seres suburbanos, à margem da metrópole, que mitologia seria a nossa, já que literária não é?

**segunda** 14 lição de autoajuda:  
nos momentos de tormenta  
e antes que alguém caia do cavalo  
só mesmo el rei e sua ensinança  
de bem cavalgar toda sela

**terça** 15 as dançarinas mortas, romance do escritor espanhol, lido num sombrio quarto hospitalar, invoca lorca (“agora estou só, com meus espinhos”) e a nossa precária condição humana que só o gênio criativo transforma em eco e espelho

quarta 16 a dor imaginada não é comparável à dor vista, a dor nas retinas, nos sulcos escavados nas faces, dor visível e irremediável. a dor dos entes queridos vista ao vivo é dor presente que se entranha em nós, nada que possa ser imaginado senão sentido

quinta 17 um hospital é laboratório para se compreender a alma humana. aqui, despido das arrogâncias e símbolos de poder e status social, o ser humano experimenta de forma trágica a condição de igualdade através da sua extrema fragilidade

sexta 18 para evitar as impurezas do branco, cravo aqui uma frase só branco

sábado 19 o mais português dos escritores, no volume XIII de seu diário: "só quem se lembra se identifica. o instinto de conservação sabe que a morte é perder a memória". definitivo

domingo 20 receita radical:  
modorra e placidez  
cura-se com sobressalto e vertigem

segunda 21 a beleza descarada do ipê roxo à janela do  
quarto do hospital onde minha mãe se encontra enferma é  
quase uma afronta à dor

terça 22 novamente, no volume XV de seu diário, diz o  
escritor português: “um político é um ator transviado, sempre  
à espera de palmas, e o poeta é um implacável espectador  
sempre de assobio pronto. E nem ele pode deixar de ser  
comediante, nem eu de lhe apupar a comédia”. ó mundo, vasto  
mundo velho, tão pequeno e tão igual



quarta 23 só mesmo as artes da ficção literária podem operar esta mágica de sair momentaneamente do cotidiano opressor – viagem que, mais do que fuga, é vida, outra

quinta 24 “todas as coisas são canseiras tais, que ninguém as pode exprimir”. nem por isso deixam de ser necessárias, como (re)ler a bíblia, tarefa tão penosa na juventude e, agora, (re)descoberta literária, prazerosa e instigante

sexta 25 por que será que quando se está triste a alegria dos outros nos agride? isto bem que poderia ser a máxima de um egoísta emérito, mas, com tristeza, constato que, neste momento, trata-se apenas de um reles sentimento meu

sábado 26 na fartura, a vontade é pouca, já dizia meu bom amigo bahiano. mas, em dias desérticos, uma réstia de luz pode representar um campo inteiro ensolarado. corro no seu rastro e me inundo dela

**domingo** 27 somos doze à mesa, apostolado incomum em dias de penúria e isolamento

**segunda** 28 em tempos onde só a literatura me salva, caime nas mãos o velho rosa e torno a entrar pelas portas escancaradas do sertão e suas intermináveis e encantatórias veredas, cercadas de língua e humanidade. com a voz arrebatada de riobaldo, a noite é cavalgada veloz: “eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa”.

**terça** 29 na inglaterra as moças casadoiras aproveitam (aproveitavam?) o dia vinte e nove bissexto para pedir a mão do amado em casamento, ousadia concedida a cada quatro anos. na itália (e, agora, na sua sucursal no abc brasileiro) come-se gnochi e deixam-se pedidos e sonhos debaixo do prato. especial ou não, bem que eu teria desprezado este dia, encurtando este já tão longo fevereiro, de tão triste memória



## MARÇ O

**quarta 1** minha mãe, doente, desandou a fazer trovas para o hospital inteiro e explica a uma enfermeira o significado da palavra fidalguia, utilizada por ela numa dedicatória, em seu livrinho de trovas: “fidalguia, vem de fidalgo, aquela pessoa fina que podia frequentar a corte. acrescenta: o meu bisavô era considerado um fidalgo, da freguesia de santa cruz”. eu, cá comigo: se fidalga sou, não sei, mas agora, de certeza, descubro de onde vem esse amor pela poesia e pela palavra

**quinta 2** em dias confinados entre paredes com luz artificial e ar condicionado, um simples café ao ar livre pode representar uma tarde no campo a tomar champanhe com morangos, como num quadro de monet

**sexta 3** as princesas, juventude a transbordar nos gestos e no viço da epiderme, preparam a mala para o carnaval, em ritmo de trio elétrico. o gosto nem sempre é genético

**sábado 4** em ano eleitoral tudo é reinaugurado, com direito a festa e discurso: canteiros em esquinas visíveis, poltronas novas no teatro, computador na biblioteca, asfalto onde já havia asfalto, pintura onde já era cor. falta reinaugurar o estômago dos famintos, colorir e humanizar as veredas periféricas, iluminar com novas luzes a perspectiva de retomada da dignidade de suas comunidades, levar o centro à periferia e nem precisar de outdoor para alardear as façanhas

**domingo** 5 na tv, bundas e seios, ritmos e cores já aborrecem de tantos closes. da varanda, a cidade ao vivo mostra-se descolorida, descarnalizada. seria o carnaval uma festa meramente virtual?

**segunda** 6 hilda hilst no cadernos de literatura, trazida pelas mãos dadivosas de outra poeta amiga. a obscena senhora hilda e sua poderosa voz. amarga, linguaruda, pornográfica, erudita, profunda, poeta absolutamente indispensável

**terça** 7 saborear bacalhau ao som da voz de amália rodrigues, na companhia de pessoas queridas, aplaca o tédio carnavalesco e (a)flora raízes gustativas e sonoras

quarta 8 dia da mulher coincidindo com o das cinzas – nada mais artificial, como, aliás, é todo calendário. a mulher é cada vez mais labareda a conquistar espaço nas estatísticas. avanços, recuos, feminismo substituído pela luta pelos direitos da mulher. verdades e exageros. a mídia adora efemérides para preencher espaço

quinta 9 além das noites insones e do cansaço acumulado, nada mais tenho para repartir neste dia, nem com aqueles que mais amo. faço a refeição sozinha e isso significa apenas um ato de sobreviver

sexta 10 o toque do telefone corta a madrugada com o estilete da morte anunciada. a ciência prolonga o ciclo biológico natural e estica sofrimentos sem, contudo, deter o desfecho final e isso é compreensível, não é da sua competência, é da natureza que não dá a mínima para a ciência e a tecnologia

sábado 11 pessoa, o velho bruxo, tinha sempre razão, quando, em versos, na pele do amargo álvaro, falava da morte e do princípio da morte da memória do morto: “Duas vezes ao ano pensam em ti” / “quando faz anos que nasceste, quando faz anos que morreste / Mais nada, mais nada, absolutamente mais nada”. isso foi no começo do século. com a velocidade entrante em zeros, o esquecimento é já no dia seguinte

**domingo** 12 após ultrapassar *el mezzo del camin* aprende-se, sobretudo, que o tempo é dádiva preciosa que não pode mais ser desperdiçado. o novo é sempre risco e nos dá poucas garantias. reler/rever é escolha segura

**segunda** 13 encontrar a palavra mais certa para a emoção imprecisa: obsessão?

**terça** 14 pouca tinta, raros versos, muitos livros. beber do saber alheio, pois o próprio pouco vale (vale plagiar a si mesmo? – afinal, o poeta anda sempre à roda dos mesmos temas – ou não?)



**quarta 15** o mundo do trabalho regional na obra de ficção à mesa dos debates. o imaginário retirado de um dos mitos fundadores da cultura de subúrbio, o do trabalho, é captado com sensibilidade em *a capital do automóvel*, como bem apontou o crítico. necessário, para mim, o distanciamento do olhar do amigo para poder observar-lhe, com isenção, a escritura, difícil tarefa

**quinta 16** depois da idéia criativa, do lápis, do bastão, da pedra escavada pelo artista, o papel fundamental do mestre impressor para transformar a obra de arte em produto final. a arte de muitos dos melhores artistas brasileiros da lithografia passou pelas mãos do mestre, que mostra e conta a sua trajetória pelos caminhos da pedra. encontro para guardar na memória

**sexta 17** os templos católicos andam irreconhecíveis, sobretudo para quem deles já anda afastado. bach e haendel substituídos por sons de qualidade e finalidade duvidosas, violões desafinados no lugar do cravo e do órgão, piadas no lugar de sermões e os mortos evocados em tom de festa e de corpos balouçantes. o sagrado cedendo lugar ao espetáculo (da pior qualidade)

**sábado 18** porque hoje é sábado, diria o poeta, é dia de marcar ponto na livraria para (re)encontros interrompidos e preservação do hábito da troca entre pessoas que ainda cultuam aquele pequeno artefato composto de capa, lombada e páginas impressas, imprescindível a uma boa viagem

**domingo** 19 um dia vazio nunca é um dia totalmente vazio, mas apenas resultado do olhar e do sentir, anulados pela energia vital em queda, de quem o viveu

**segunda** 20 o livro há muito faz parte da minha vida como elemento indispensável ao viver. se, além da leitura, a produção de livros vem sendo uma das minhas atividades prediletas, porque não aliar o prazer a um trabalho autossustentável? mas como conciliar qualidade, lucro e prazer num mundo voltado apenas para o mercado? melhor seria nem pensar nessa tal sustentabilidade e sua perversa lógica de mercado, mas dizem que é preciso... é preciso?

**terça** 21 na sala de espera médica, os semblantes tensos na ânsia de alvissaras ou a punhalada das sentenças. a ciência a brincar com o destino e o sentimento. melhor a ignorância ou o exercício de futurologia registrado em contrastes e poderosas máquinas rastreadoras? o que era fatalidade, acidente natural, foi substituído pela hora marcada

**quarta** 22 um simples dente extraído a sugerir a idéia de perda e decadência física. me aproprio da palavra do poeta, adequação ao momento: “só até ontem / fui jovem / hoje / comecei a ser velho”.

**quinta** 23 mulheres da periferia reunidas discutem seu papel na sociedade: diaristas, pedreiras, motoristas de ônibus, poetas e tantas mais, orgulham-se de suas atividades, assumem integralmente seus papéis. artes do ofício do viver feminino

**sexta** 24 o político procura a poeta e é torga que me socorre, com a propriedade de quem o disse aos quase oitenta anos: “Nesta terra (e certamente nas outras), quando um governante bate à porta de um poeta nunca é para render preito à poesia. É para tirar partido do algum prestígio que ele ainda tenha”

**sábado** 25 sonhos coletivos embalados por um bom prato de peixe regado ao velho e bom verdelho. invadir o brasil, inundar este país de boa literatura, mapear suas regiões mais recônditas, romper os limites impostos pela distância, em lombo de burro, canoas, infovias e o que mais houver disponível. ousar é preciso, mesmo que (ai) os sonhos meninos habitem rugas e cãs. como nada pesam, não custa carregá-los

**domingo** 26 imagino que imagino, mas na verdade apenas recrio, (re)colhendo da imaginação já imaginada anteriormente. a sensação, contudo, é de orfandade. poetas e criadores em geral, ilusionistas hábeis (e, pior, muitas vezes, nem tanto) a iludir o leitor

**segunda** 27 o ato de recolher velhos poemas assemelha-se ao ato de exumar cadáveres. não lhes sinto o cheiro nem o fluir do plasma. nada como a palavra nova e seu frescor de namoro em começo. meus poemas antigos representam tudo aquilo que não mais sou

**terça** 28 o preconceito permanece colado como ranço mal disfarçado nas paredes das convenções burguesas-judaico-cristãs e nem mesmo os discursos politicamente corretos conseguem amenizar o desastre da camuflagem. sobram provas concretas, faltam atitudes para desmenti-las



quarta 29 a intolerância vista pela ótica da filosofia e muito mais nestes bárbaros tempos modernos, do homem com medo do homem, é matéria para compêndios e não coube na aula ligeira da professora. filosofar, afinal, sempre deixa gosto de quero mais

quinta 30 poetas e prosadores à frente das câmeras de tv falam de literatura e do seu fazer: tentativa inútil de diálogo com a massa. poetas são corpos estranhos na sociedade homogeneizada da virada do milênio e carregam o peso de sua exclusão. nada de novo, apenas (re)confirmação histórica. sequer chegam a incomodar

sexta 31 março acaba sem quarteladas, mas com invasão poética, colocando novamente diante de câmeras televisivas poetas e prosadores da república municipal. a palavra e o livro são o tema para o programa mural do artista

## ABRIL

sábado 1 idéias, é bom que se diga, são produtos individuais, ainda que recolham mitologias e imaginários coletivos. apropriar-se de mitos fundadores como matéria de ficção e poesia é recurso mais do que lícito, utilizado pelos escribas através dos tempos, a começar pela bíblia. já os projetos podem ser coletivos a partir de idéias individuais. buscam-se homens e mulheres que lamentem menos e projetem mais. para tanto, será preciso inventar novas lanternas e diógenes outros

**domingo** 2 ofício da tradução: ler/ouvir a voz estrangeira do poeta incontáveis vezes, até sentir-lhe a respiração: deleite. tentar passar sua escritura para outra língua, a nossa: armadilha. aceitar o desafio: sedição

**segunda** 3 nada mais sedutor do que a meia estação do ano, dias tépidos e instáveis, mas de luz variante e encantadora. falta-me tempo para observar melhor os manacás e as árvores da mata atlântica que teimosamente ainda salpicam este nosso pedaço de chão. mesmo de relance, ao volante, percebo-lhes as cores e intenções e fico gratificada

**terça** 4 os intricados caminhos da negociação no mundo dos livros são tidos e entendidos como tarefa masculina. mulheres neste campo são, acima de tudo, suspeitas, para dizer o mínimo. tentar provar que podem entender (também) de máquinas (e dominá-las) é outro suspenso caminho. os homens, diante do avanço das amazonas, usam enferrujados escudos que nada mais protegem

quarta 5 partes mais atraentes do cação, peixe menos nobre, são vendidas na feira como garoupa e, naturalmente, são cobradas como se garoupa fossem. comércio é campo onde nem tudo que reluz é ouro

quinta 6 em que medida uma poeta municipal, que nunca pisou como aluna numa instituição superior de ensino, animadora já sem muito ânimo, poderá contribuir para o bom andamento de um laboratório acadêmico com cânones e jargões tão próprios e específicos? haverá realmente lugar para os saberes empírico/profanos fora da academia, ainda que um ou outro ousado mestre tente profanar o templo? esta foi minha pergunta, em resposta a um gentil e honroso convite

sexta 7 a manifestação artística dá-se sob qualquer regime político, ainda que de exceção. a arte, no entanto, manifestar-se-á mais livre e forte se as circunstâncias lhe forem propícias. deixai, portanto, a cargo dos artistas-marinheiros a elaboração da carta de navegação. navegar é sempre preciso para quem já domina os instrumentos que, diga-se, por direito lhes pertencem

sábado 8 enquanto metade da cidade está na avenida, atrás do ruidoso trio elétrico, esticando o carnaval para evitar cair na dura vida concreta, cerca de 50 cidadãos, em silêncio, rendem homenagens a alguns abnegados atores amadores que, dispondo apenas de alguns holofotes, um figurino pobre e o poder da palavra, transformam uma modesta casa em teatro e revestem-na de pura energia criadora. ínfima minoria a resistir...



**domingo** 9 os altíssimos decibéis produzidos pelos trios elétricos importados da bahia entram por todas as frestas da cidade suburbana. a oferenda foi paga pelos cofres públicos. o poder público ignora seu papel de abrir caminhos ao conhecer (não se pode gostar do que não se conhece) e adere à ditadura do gosto, enfiando goela abaixo dos plebeus contribuintes, um produto da cultura midiática, simulacro de cultura popular, re-oferecendo aquilo já diuturnamente oferecido pelos meios de comunicação de massas

**segunda** 10 a proposta do debate é recebida por ouvidos desatentos e gestos impacientes. essas frescuras de cultura não interessam a quem comanda e muito menos a comandados, carpideiras sempre à espera da hora do choro e do posterior óbolo em nome do compadrio e da troca

**terça** 11 entre uma ordem militar e outra, o capitão da polícia militar cultivava orquídeas no seu posto à beira do asfalto. os motoristas, atentos às indicações das placas, limitam-se a reduzir a velocidade, sem notar aquela singeleza confinada em território insuspeitado

**quarta 12** a degustação do linguado com creme de maracujá é interrompida pela gentil senhora, que se diz leitora saudosa das crônicas semanais da escriba comensal. o afago teve o efeito de sobremesa (sabor a figos com mel)

**quinta 13** as cores do salão de arte contemporânea enchem os olhos e as bocas dos convidados e vão sendo devorados junto aos cheiros tropicais e tons esfuziantes da mesa de frutas do vernissage. a efeméride foi meticulosamente planejada. obra não há mais, permanecer não interessa, basta o conceito e a antropofágica deglutição, a performance, a instalação, (des)prazer e estupefação momentâneos. a arte apenas no acontecimento. tim... tim...

**sexta 14** fantasmagórica, reminiscência inglesa de vida vigiada, a marcar o tempo que teima em derrubá-la, paranapiacaba resiste. por entre as suas vielas, no mais fundo de seu centro, a vida dos que insistem em ali permanecer a desafiar a modorra. a mata atlântica, emoldurante, abrindo clareiras para avistar o mar, segue, em silêncio, sua verde trajetória. diante das hordas de bárbaros de além fronteiras, sequiosos de emoções, a cidade devolve apenas placidez, à sua silente maneira

**sábado 15** um sábado, apenas. um dia sem registro nem literatura

**domingo**, 16 conquista da cidadania é também ter direito à preguiça sem sentimento de culpa. deixar a chatice para amanhã e os chatos para depois de amanhã, comer sem contar as calorias, dormir sem contabilizar o tempo, amar holisticamente, sem perseguir orgasmos. êta vida boa, ainda que seja só no domingo

**segunda** 17 anuncia-se e louva-se o e-livro e as maravilhas operadas pela fabulosa maquininha de leitura já disponível no mercado, à qual é possível acoplar até assinaturas de jornais. a possibilidade de ler no escuro, sem sujar as mãos na tinta das páginas do jornal ou contaminação por ácaros, encanta os aficionados em inutilidades eletrônicas, dispostos a pagar cerca de duzentos e setenta dólares pelo brinquedo que em pouquíssimo tempo será descartável. a maneira como se fala desse maravilhoso produto leva a crer que o dito cujo esteja prestes a invadir o planeta e queimar as bibliotecas tradicionais. na verdade, esqueceram de dizer que a novidade não passa de uma versão tecnológica para um produto que há seis séculos não conseguiu arranjar substituto. tanto é que o simulacro de livro se diz livro também (e-livro), contém páginas (“baixar” a página na tela) e parte para, em breve, usar papel e tinta (e-tinta, e-papel). ler o e-livro é como assistir a uma ópera na tv. para quem nunca viu uma ao vivo...

**terça** 18 anotei em meu caderno de apropriações uma citação de goethe tirada de seu viagem à itália: “Aquele que relata tem de apresentar os eventos separadamente: mas como fazer com que isso forme um todo na alma do outro?” fiquei na dúvida entre guardá-la para uma possível epígrafe, ou simplesmente anotá-la aqui como uma identificação com a dúvida deste momento

quarta 19 enquanto ouço o professor dizer, para uma platéia de doze gatos pingados, que a reconstituição da memória tem um sentido revolucionário e é preciso uma reinterpretação dela, observo ao lado o movimento das cerimônias do início da quaresma na catedral ao lado: cânticos profanos e balouçantes ao ritmo de ritmadas palmas em nada coincidem com a memória que tenho de remotas quaresmas em procissões silenciosas e orações reflexivas. o furor do espetáculo tudo invade, inclusive o campo reservado ao sagrado, deixando a reflexão cada vez mais residual

quinta 20 fugir do burburinho urbano no meio da semana, mergulhar o corpo no mar e ser, por momentos, apenas líquida matéria, é transgressão merecida, neste final de verão

sexta 21 o jejum da paixão transformado em banquete regado a vinho: milagre dos tempos que tudo transformam

sábado 22 aleluia com cara de procissão de senhor morto. a cidade vai às compras em ritmo de funeral. o chocolate reina nos cardápios e quebra-se nas prateleiras sob as apalpadelas de vorazes consumidores: festa de papel celofane colorido. os falsos judas foram perdoados e os verdadeiros andam queimando os dinheiros nos paraísos fiscais

**domingo** 23 os jornais atrasados e o farto noticiário sobre os quinhentos anos de terras brasilis: os tupiniquins dizem-se invadidos e querem flechar os culpados pela invasão, enquanto os cento e sessenta milhões, descendentes dos tais invasores, espoliados de seus direitos mínimos, assistem, indiferentes, aos noticiários na tv que, sob o viés simplista, busca erros e culpados no passado, isenta de responsabilidades e tenta justificar aquilo que não se foi capaz de construir em tempos presentes. olhar os acontecimentos à luz de seu tempo é um gesto de entendimento e compreensão, verdadeira memória revolucionária, como já dizia o professor, porque evoca para não repetir

**segunda** 24 haverá, ainda, alguma reserva de inteligência sensata, longe do mundo do silício, que não esteja erigida nem regida pelos valores da tecnologia e do mercado? se houver, será pra lá que me dirigirei

**terça** 25 \*

**quarta** 26 preparar a viagem é a viagem primeira. imaginar os espantos, formar paisagens no espírito, adivinhar-lhes os contornos geográficos e humanos é exercício lúdico e viajante, dupla viagem

**quinta** 27 aeroporto – um retrato falado: um grupo de engravatados executivos orientais, formais e de postura irrepreensível, conversa em inglês; médicos de jeans e tênis falam de congressos e independência financeira; o velho boing setesseisete-trezentos não decepciona e decola com suavidade, conduzindo esta fauna humana a manaus. ato contínuo, os adoecidos da pressa e da tecnologia abrem seus lepetopes e assim ficam, olhares e mentes pregados à tela, em batalhas tecno-comerciais, nem aí para as novas terras que daqui a pouco irão pisar, preparados apenas para desbravar florestas de verdinhas. a diversidade dos ocupantes deste voo (um solitário mochileiro, botas de alpinista e bermudas, pelo corte de cabelo, sugere um militar em férias à busca da



quebra da disciplina; e uma dupla de advogadas enfeitadas, tamancos vermelhos de saltos altíssimos, decotes generosos e ares famintos, revistas “caras” a tiracolo, falam de conquistas amorosas) deixa dúvida sobre quais florestas pretendem desbravar

sexta 28, manaus visitar uma cidade através dos cheiros, a festa do mercado municipal: surubim, pirarucu, tambaqui, piaba, piranha e outras espécies, ainda vivos, à espera de temperos e paladares. taberebá, abiribá, tucumã, açai, cupuaçu, riqueza de cor e sutilezas de sabores. uma cidade através de sua arquitetura: o teatro amazonas, o prédio da alfândega, o casario do porto, o relógio da matriz, o palácio rio negro, o prédio do mercado (projeto de eiffel), a biblioteca municipal, e outras tantas jóias produzidas pelo esplendor da borracha e ignoradas pela pobreza de um século depois. uma cidade através de sua gente: peles, sorrisos, gestos, falas, toques. uma cidade governada pela água e pela floresta que resiste... o que palpita atrás desses marcos concretos da cidade é assunto para nativos. visitar não é conhecer

sábado 29, manaus manhã – viajando num trem de rio, encontrar as águas do negro e do solimões, que resistem a se misturar, comer em restaurante flutuante o peixe acabado de pescar – a floresta como moldura – é ato do mais puro fascínio. navegar de canoa em igapós e igarapés, rios provisórios (“caminhos líquidos onde sempre foi chão”, como já disse o poeta), ouvir o silêncio da mata e saudar, em reverência, as majestosas sumaúmas é, para o urbano viajante, viagem interplanetária. tentar comunicar-se em gesto fraterno com o índio pobre e acuado entre o seu e o mundo capitalista (que o amedronta e fascina) é gesto constrangedor  
noite – aos primeiros acordes de il guarany, providenciais pirlampos atravessam a cortina de veludo vermelha do teatro amazonas, como a lembrar que este não é um espetáculo qualquer, cenários e personagens encontram-se dentro de um cenário maior e real: a floresta ali ao lado. noite memorável que mereceu ser celebrada. o sonho de fitzcarraldo/herzog concretizado?



domingo 30, manaus ao sol do amazonas, confinada numa esplêndida ilha da fantasia em forma de hotel tropical, nado e bebo caipirinha. o capital sabe muito bem onde atacar, pega pelos olhos, pelo estômago, pelo conforto. é tão bom que nem dá para ter sentimento de culpa pela outra vida lá fora (amanhã, só amanhã, quando estiver sendo engolida pela lida da megalópole)

## MAIO

segunda 1 durante cinco imperceptíveis horas, percorro os irresistíveis corredores da décima sexta bienal internacional do livro de são paulo. compro cada vez mais livros, muitos dos quais, sei, não terei tempo para ler na íntegra. o desejo, no entanto, supera o senso prático e racional. a atração por esse relicário de saberes é ópio, vício irremediável

terça 2 um fogo santo parece sair da palavra do velho animador cultural. de onde virá esta determinação? mais de sete décadas no lombo e a vontade férrea de forçar pessoas a sair da mesmice e olharem para o amanhã convencem-me. topo o desafio do velho professor e me proponho, mais uma vez, a trabalhar em função da literatura, como forma de homenagem e resgate atávico



quarta 3 num país onde o natal e ano novo emendam com o carnaval que, por sua vez, nunca tem data certa para terminar, os acontecimentos só podem mesmo ficar encavalados nos meses de maio e junho (julho, afinal, é para férias, que ninguém é de aço). agenda cronometrada, é preciso ser mais do que um e esticar o calendário

quinta 4 entender o brasil à luz dos seus escritores é receita mais do que bem vinda para análise histórica, apropriadamente denominada banquete no trópico. hoje uma quase aula magna sobre padre vieira, nosso imperador da língua e figura ímpar da história luso-brasileira, é acréscimo para o espírito

sexta 5 levantar o imaginário cultural numa região industrial e periférica é o desafio deste dois mil numa certa livraria que vai além da mera comercialização de livros. na pauta, debates, lançamentos de livros, exposições e o que mais aparecer de útil, histórico, belo e interessante

sábado 6 as fogueiras das vaidades e interesses permanecem acesas desde as cavernas. ainda que se lhes atirem água fria nas labaredas, ardem, ardem

**domingo** 7 no intervalo entre a leitura e escrita de papéis utilitários, a delícia de um verso de murilo, sem utilidade nenhuma, apenas de puro prazer (“Dos braços do poeta / Pende a ópera do mundo / (Tempo, cirurgião do mundo): - / O abismo bate palmas, / A noite aponta o revólver.”)

**segunda** 8 francamente, não dá pra pegar o metrô andando sem ao menos saber em que linha se viaja. ainda assim, um bocado de gente pula pra dentro do vagão já lotado e nem aí para o processo que levou aquela gente até esse trecho da viagem. só interessam os resultados imediatos. as pessoas não percebem que o tempo da cultura não é o mesmo do tempo dos negócios e a transformação social é um longo e difícil aprendizado. o resultado fica para as próximas gerações

**terça** 9 entre as folhas de um livro velho de medicina, cartas antigas de um amor antigo: na primeira delas, a jovem estudante, desterrada num colégio interno, há longos e intermináveis oito dias, suspira pelo amor deixado lá fora. na segunda, desespera-se, sabe que precisa estudar, mas faz-lhe falta a presença física do amado. à sensação de invasão de privacidade, mistura-se um certo formigamento imaginário, atijando interrogações do *voyeur*: que teria ele respondido? foi ao seu encontro na paraíba? casaram-se, afinal? a moça teria concluído seu curso? encontrou outro amor? vivem? tudo é novidade nas páginas de um livro ainda não lido, inclusive aquilo que se escreveu e foi esquecido entre suas folhas. uma sala alfarrabista é também estação de embarque para viagens alquímicas da imaginação

**quarta 10** a síndrome do pp (pré-prelo) não é fantasia da imaginação, ela verdadeiramente existe porque a causa existe. um livro prestes a receber a tinta da máquina impressora é terreno minado: ao primeiro descuido, uma explosão (pior: sempre depois da primeira prova). hoje, trago as pestanas queimadas por

**quinta 11** os poucos presentes ao teatro bocejam ante os tropeços de uma atriz, fora do seu papel, que se diz espécie de consultora e comporta-se como apresentadora de tv. anuncia a inauguração de um corredor cultural do qual ela mal ouviu falar. o chato cerimonial das inaugurações oficiais substituído pelas gracinhas proferidas pela beldade contratada para alegrar a patuleia. mais uma vez aquilo que seria um desejável processo é “inaugurado” com o tratamento de espetáculo, evento. no saguão do teatro, o público só quer saber dos acepipes oferecidos. tanta festa... falta pão e sobra circo

**sexta 12** um corpo não é apenas aquilo que pensa. um corpo sedentário dá respostas malcriadas, range nas juntas e recusa sustentar-se como deveria, ou seja, como verdadeiro *homo erectus*. mente sã em corpo insano é uma tragédia que a milagrosa terapeuta, detentora de modernas técnicas de rpg (não, não se trata de nenhum jogo para adultos brincando de criança, a sigla vem de reeducação postural global) há de curar

**sábado 13** o balé do teatro guaira inunda literalmente o palco do teatro local, na verdade, um grande ginásio, de acústica ruim. a *dança na chuva* causa impacto na platéia – um hollywood tardio mas, ainda assim, renovado

**domingo** 14 versos à boca da noite ditos por quem sabe dizer, arrebanham público para fomento das artes cênicas marginais da cidade. o ator recolheu poemas e, sem a velha fórmula do recital, transformou-os em peça teatral. um fio dramático a urdi-los e o conflito da velhice de permeio – toda a dignidade que a poesia merece

**segunda** 15 como é que o corpo adivinha as imposições do calendário? quem teria dito ao meu que hoje é segunda e não há licença para ceder ao ócio e à preguiça?

**terça** 16 bielo-rússia ou belarus, país da europa oriental, ex-integrante da união soviética, com dez milhões e duzentos mil habitantes, situada entre a ucrânia, lituânia e letônia, região geograficamente pouco acidentada e historicamente muito acidentada (entre outros muitos acidentes e incidentes, foi dada de presente à polônia e, posteriormente, teve um quarto de sua população dizimada pelos nazistas, de quarenta e um a quarenta e quatro). isto é o que diz a enciclopédia, à qual recorri após assistir ao encantador balé desse desconhecido pedaço do planeta que continuaria desconhecido (para mim) não fosse a curiosidade despertada (sempre) pela arte

**quarta 17** o bom dos seminários, congressos e simpósios são mesmo os corredores; encontrar velhos correspondentes, tramar conchavos e armar planos e estratégias de salvaguardar as artes, dar retaguarda às vanguardas, salvar o mundo pela palavra e pela língua. esse bando de esquisóides que percorre corredores e entope salas de universidades a falar de tudo que é inominável e desconhecido pelas massas, vive do alimento de sua singularidade

**quinta 18** o livrespaço de poesia foi um grupo que revolucionou o conceito de ação cultural na região do grande abc, no estado de são paulo nos anos oitenta. nada mais fez durante os onze anos de sua existência do que tentar seduzir para a poesia. elaborou metodologia dessa sedução, mas não fez escola, pois não houve seguidores com semelhante paixão pela poesia decididos a priorizar, entre muitas utopias, a de fazer leitores para esse singular código literário. remexer nesses velhos papéis é (re)viver um momento singular da história pessoal e do país que desejo registrar

**sexta 19** exercer o papel de parteira literária, aparar rebentos recendendo a tinta, é atividade prazerosa e gratificante. acabo de ver dar à luz três desses anunciadores de boas novas. um deles, filho legítimo em duplo sentido (autora do conteúdo, mãe da autora da capa). que as divindades das artes literárias abençoem os criadores e os façam percorrer caminhos inesperados e profícuos

**sábado 20** um universo simbólico de significados e significantes, imaginário cultural de mitos e culturas do trabalho, evocados por um mestre local, percorreu as salas do retiro espiritual da eduardo monteiro. seus ecos deverão percorrer as discussões que ali ocorrerão durante todo o restante do ano, sob o signo da paixão e da vontade da descoberta. que assim seja (será. ponto)

**domingo 21** cedo ao insistente convite das três princesas e vou ver julia roberts na pele de erin brockovich, personagem verdadeira transformada em heroína após investigar (e obter ganho de causa) o caso de uma comunidade americana envenenada pela água contaminada por uma grande indústria. divertimento mais do que perfeito para o que tendia a ser uma modorrenta tarde de domingo

**segunda 22** o que teria me comovido mais nesta friorenta segunda-feira de um outono quase inverno? a empolgação de sete escritores a projetar sonhos de conquista de leitores ou a leitura dos poemas de al berto, o poeta português que viveu pouco e escreveu muito (e bem)? ficaria na dúvida se tivesse que escolher entre ler ou escrever. não resta dúvida que viveria sem escrever, mas a vida sem leitura, seria morte certa

**terça 23** mais uma vez a festa superou os propósitos culturais. no circo, o povo e o pão. se houver vinho, então, o apagamento será completo. governa-se, ao que parece, apenas para espetacularizar. tão difícil o plantio



quarta 24 hoje foi dia de rega e adubação. aguardar a colheita, sem relaxar nas regas nem esquecer da poda

quinta 25 leio nos jornais que os comerciantes da vila vivaldi fazem toque de recolher com medo dos assaltos. é a guerra e, sem que tenhamos sido convocados, estamos nela e começamos a aceitar as regras. como em qualquer guerra, matar ou morrer já virou rotina e o medo é transformado em adrenalina e banalização

sexta 26 estas palavras que nada dizem servem apenas para não deixar o dia sem uma linha, proposta inicial que nem sempre é cumprida com arte ou conteúdo

sábado 27 o poeta olha seu primeiro livro e os olhos têm o brilho de toda a primeira vez. a palavra impressa ocupando o espaço do bege da página, o cheiro da tinta e a possibilidade de leituras: embriaguês com a qual me faço cúmplice



**domingo 28** retirar roupas do armário, afivelar malas e amarrar etiquetas de identificação, conferir roteiros, separar o espírito no departamento das viagens: é dia de embarque rumo aos verdes mares do ceará, (re)encontro lítero-afetivo. na bagagem, levo trabalho sobre o grupo livrespaço, um relato de experiência

**segunda 29, fortaleza** a matéria de página inteira no caderno vida & arte, do jornal o povo, de fortaleza, sobre um livro lançado no último sábado em santo andré. a palavra operária rompendo para além da indústria e das fronteiras, acompanhando a rapidez da comunicação globalizada. o grande abc é aqui, ali, no outro lado do globo, a pátria dilatada, unida pela língua/literatura

**terça 30, fortaleza** andar de buggy não ando, porque já andei e a emoção reduziu-se ao vento lambuzando a cara de areia e o sol escaldante no costado; navegar de jangada não navego, porque já sofri seminaufrágios e o mar sabe-me a presságios; montar em jegue não monto, porque já caí de um deles e o coice marcou-me carne e espírito. porque já vi e senti tanto, opto pela água de coco à sombra, neste contemplar tedioso da praia do cumbuco que, afinal, nada acrescenta àquelas já vistas paisagens

**quarta 31, fortaleza** cada vez mais urbano, o olhar aprecia as frutas arrumadas no mercado, os bordados já engomados e expostos ao olho cobiçador, as palhas já trançadas à espera da utilidade, o emaranhado da cidade, suas angústias secretas, seus homens à busca do preenchimento do dia. cada vez mais fascinada pela(s) cidade(s), perco-me no burburinho dos camelôs e na música de seus pregões. as cidades, mais do que o campo, me fascinam pela sua imprevisibilidade e ausência de horizonte: a surpresa do dobrar a esquina, a descoberta da última mudança. urbanóide incorrigível, fatigo pés e olhares. injustiça e desigualdade maltratam o observar



## JUNHO

quinta 01, fortaleza a toga-paletó acadêmica soa como heresia nesta terra de escaldante temperatura. a frança ainda dita regras por aqui. um formalismo exacerbado soa fora de lugar nesta alegre e informal capital. provincianas vaidades ainda tentam manter símbolos inúteis como medalhas e pesados fardões. a literatura substituída pelo evento social. para surpresa geral, o velho e incorrigível professor luso-brasileiro, sonhador inveterado, é exceção e quebra o protocolo declarando seu afeto à mulher amada

sexta 2, fortaleza encontros são encontros, independentemente do seu determinismo. os bastidores e as vozes dissonantes, o troca-troca de papel é resistência à massificação e ao formalismo. o local tornado universal, com a mágica da troca de olhares e livros. aqui, a sensação de virtualidade frente à vida real. ao invés de sol, a luz artificial da sala das conferências, no lugar do forró, a poesia, a troca do ar livre pelo ar condicionado e o confinamento é opção de alguns poucos, curiosos sempre, que, já sendo singulares, buscam a singularidade e as inutilidades literárias, nonadas que só a eles servem

sábado 3, fortaleza não há direito ao silêncio na grande maioria das cidades, mas nas do nordeste brasileiro esse direito simplesmente inexistente. aqui, aquele que possuir o alto-falante mais potente é o que se impõe. as dezenas de bares noturnos competem – mais do que na qualidade do serviço – na altura do som. frente a tanta música, é impossível ouvir o mar. na profundidade da escuridão, o mar só pode mesmo ser imaginado ao longo da orla que banha o centro. a fuga para um pequeno e aconchegante restaurante à beira-mar, saboreando um surpreendente prato de frutos do mar, é momento solene de comunhão. o silêncio e o bordado noturno da orla, trazem o mar para as papilas gustativas

**domingo** 4 longe é o ceará e os caminhos aéreos  
congestionados. para um vôo de não mais do que três horas,  
em circunstâncias normais, gastamos nove horas na viagem  
(entre transfers, check-ins, check-outs, vôo, escala, espera de  
ônibus no terminal aéreo, espera de bagagem na esteira,  
caminho de volta a santo andré) um pouco mais, e já  
estariamos na europa

**segunda** 5 a rotina, desacostumada, fera faminta e  
preguiçosa, alarga-se pelo dia, insinuando-se neste dia pós-  
viagem. o ócio vicia  
a noite, as idéias no lugar e o corpo a obedecer,  
reabastecimento

**terça** 6 é madrugada da quarta sete, ainda não sei o que  
será deste dia, tampouco é possível precisar o que de melhor  
ficou do já finado seis. o carro quebrado e a sensação de uma  
perna a faltar. a mesa atulhada e a sensação de naufrágio em  
papel. a corrida contra o relógio e a sensação de tempos  
convergentes. um dia de vagas sensações: o sentir que não  
constrói, sentir intuído

quarta 7 horas de monja copista sem, no entanto, engenho e arte para iluminuras. digitar não é o mesmo que escrever, as letras sucedem-se rapidamente na tela e não são, como a pena, a extensão do próprio braço. mas, ainda que eu deseje, a mão não vai além das garatujas e, vício irremediável, recorre ao teclado cedendo ao apelo da velocidade e da memória infundável

quinta 8 o corpo, em determinadas situações, é peso incômodo e constrangedor. O corpo deitado na maca da eletrossonografia, escarafunchado, cortado em tiras cibernéticas, serve à ciência e dá sinais: a hora é de algumas cautelas. ai, eu que sempre fui tão descuidada

sexta 9 nosso século xxi na região do grande abc será objeto de vinte e um olhares, especialmente convidados a soltarem suas vozes (provavelmente – e, diga-se, desejavelmente – dissonantes) que mapearão o presente e balizarão o futuro. fato auspicioso, marco que junta homens do capital a homens da cultura e outros segmentos sociais. aceitei o convite para fazer parte desse coro, sabendo que provavelmente serei uma voz em contraponto

sábado 10 camões evocado no seu dia de morte, sempre (re)vivido pela língua, da qual tornou-se sinônimo. camões evocado na voz de tantos outros poetas lembrados aqui. pessoa, evocado pelo seu dia de nascimento, o mesmo dia treze que é também de santo antônio, o de lisboa, que também valeu-se da língua portuguesa para professar a sua fé, a mesma fé literária que hoje, lá pelos redutos da já histórica livraria, professamos, através de orações cúmplices, amém

**domingo** 11 o mau humor sem razão aparente. terceira idade? argh!

**segunda** 12 seres plugados ininterruptamente, campainhas a tilintar, sentidos atentos apenas ao virtual. conversas, babel, algaravia tecnológica. onde a comunicação?

**terça** 13 só ainda não inventaram uma máquina de recolher cocô humano, a fim de evitar a desagradável tarefa de meter, literalmente, a mão na merda para levá-la ao laboratório, solenemente embalada. a miséria humana está justamente em ser... humano

**quarta 14** enquanto o trigo amolece na vasilha à espera de ser pão, as todas as vozes de gullar entram-me nas entranhas suprimindo as carências estéticas desta manhã. eis aí um grande poeta na plenitude de poetar. enquanto o trigo espera o fogo, o fogo da poesia do menino de são luiz entra-me pelos becos da emoção

**quinta 15** o jornalista disse que eu disse, mas não foi assim que eu disse, apesar de parecer que eu disse assim, mas não basta parecer dizer, é preciso realmente ter dito para se poder dizer que alguém disse. e, entre dizer e não dizer, que fique dito, ainda que não tenha sido dito exatamente assim. ainda bem que a palavra escrita no livro é a que fica, ainda que permaneça séculos em algum canto relegado, até que olhos sedentos de ver a devolva à luz.

**sexta 16** a admiradora que se diz leitora traz-me flores e palavras de carinho pelo lançamento de mais um livro, mas sequer demonstrou curiosidade em ver o livro. qual seria mesmo a utilidade de um livro num tempo de telas luminosas e rapidez de afagos? as flores celebram um livro que a ofertante sequer deseja ver

**sábado 17** as artes do ofício é tema-roteiro para longa discussão. imaginário na berlinda. região do abc é o foco. intelectuais representativos privilegiam o espaço da casinha rosa recheada de alfarrábios bem como esta escriba que optou por ser municipal, registrando o seu olhar municipal, compartilhando-o com os outros munícipes



**domingo 18** não fosse um ínfimo detalhe de uma fotografia inconveniente, o tempo todo à beira do palco e que, milagrosamente, não conseguiu tirar a concentração dos músicos, mas, por vezes, tirou a minha, a magia deste concerto em mi menor op. sessenta e quatro para violino e orquestra de mendelssohn seria completa. chuchu e idiotas (ainda que portando crachás profissionais) brotam e proliferam em toda parte, sabe-se. boa música, nem tanto

**segunda 19** como sensibilizar leitores? como furar o bloqueio? como levar uma discussão sobre o cotidiano numa região suburbana, territorialmente encravada na região metropolitana, fronteiras que ainda permanecem como abstração? a discussão avança na noite e traçamos algumas estratégias

**terça 20** constato que a minha secretária doméstica não sabe o nome do prefeito de sua cidade, bem como não diferencia o papel do governador nem do prefeito, muito menos da câmara e executivo. fico a imaginar quantos, como ela, tiveram acesso à escolaridade formal (segundo grau completo), mas saíram dali sem alcançar nenhuma espécie de conscientização política ou histórica, mínima que seja. seguem, cegos e (de)formados pelos meios de comunicação de massa, alimentados pelos sonhos, cada vez mais crescentes, de consumo. o hedonismo, suprema meta



**quarta** 21 escritores que se dedicam a escrever para crianças são menores ou maiores? a literatura infanto-juvenil existe? por que a região do abc produziu tão pouca literatura para crianças? o nosso imaginário contempla apenas o trabalho? discussão sempre pertinente e inesgotável

**quinta** 22 meu amado aniversaria e, sereno, recebe cumprimentos e mimos. a notícia da missa de ação de graças em sua homenagem na distante luzilândia certamente é a mais comovedora. a singeleza perdida agora recuperada, em confronto à padronização das insossas cestas de café da manhã

**sexta** 23 o interfone sacode o estado de quase torpor provocado pelo mergulho na leitura e na escrita. a voz, como que vinda de outra galáxia, anuncia que o mundo real carece de ações: chegou o entregador, com a carne para o almoço e preciso ir até a portaria do prédio para receber e pagar pela mercadoria. que bom seria a vida sem tais banalidades

**sábado** 24 o feriado de quinta (corpus christi) estica e deixa a região com ares de cidade-preguiça. eu também

**domingo** 25 o dia dedicado a ler e escrever é interrompido apenas para duas rápidas caminhadas e pausa para as refeições. o mundo chega-me via caracteres e palavras

**segunda** 26 leio: “a ação de alguns grupos que manipulam a história cultural de modo que tudo acabe neles – deixa a impressão de que nada (ou quase) aconteceu depois deles (...) a lei do silêncio que imperou e impera nos cadernos culturais da grande imprensa (quase sempre dominados por pequenos grupos familiares ou de “colegas de faculdade)””. o articulista vai afiando sua lâmina verbal, apontando o processo de dogmatização dos movimentos de ruptura e sua “verdade tropical” e os “impulsos canonizantes” lançados como “verdades inquestionáveis”, ou seja, de acordo com os tais donos da verdade, todos aqueles que não se juntarem a uma suposta corrente (que eles chamam de *mainstream*) seriam “imateriais” e “fora de moda”. apesar de um certo derramamento do articulista (discurso *beat* tardio?), não deixa de ter lá suas razões o poeta-crítico. significativa parcela dos que detêm espaços e poder realmente ignora a multiplicidade de procedimentos poéticos e literários existente na atualidade. permaneço ao largo... poeta sem poder e muito menos vocação crítica

**terça** 27 se nada ficar escrito neste dia, ficarei com a sensação de um imenso buraco negro interrompendo a existência. mas se alguma palavra for grafada, ainda que nada diga, como estas, a sensação será apenas a de mais um dia, onde as coisas especiais não passaram pelos meus olhos, mas ainda assim, foram vividas



quarta 28 a força encantatória daquele mundo antigo? teria a poesia ainda hoje o sentido de todas as viagens contido na iliada? podemos, assim como homero, reavivar tróia pela força da imaginação? ao vivo, a filósofa colocou hoje estas questões a bailar nas cabeças presentes, mas, como sempre, sem dar nenhuma pista para as respostas, mesmo porque não cabe à filosofia dar, mas provocar respostas

quinta 29 deitada permanentemente no berço esplêndido do conformismo, a sociedade ainda acredita que cultura seja mero fundo musical para reuniões festivas. a cultura encarada como parte do processo de (re)conquistas sociais e humanas é um conceito distante

sexta 30 um quadro novo na parede não é um marco decorativo, mas um símbolo. o ato de adquirir uma obra de arte equivale a uma conquista, momento de sedução. um ovóide de suzuki na sala de estar é promessa de interminável (re)leitura

## JULHO

sábado 1 na pele de uma noiva pop-velha, integro desorganizada quadrilha julina, no sentido francês de dança e contradança e, no velho e bom simbolismo brasileiro, de alegria. pena que hoje, as quadrilhas tenham outros sentidos e propósitos e sejam tão organizadas

**domingo** 2 a literatura moderna é um fenômeno extraído da vida urbana, vulcão sempre prestes a entrar em ação. o cotidiano é, definitivamente, a minha matéria prima, ainda que sujeito à (re)invenção já que o hiper-realismo não me interessa, cheira também a cópia

**segunda** 3 um doutor desempregado, uma funcionária pública indignada, um paciente que necessita de hemodiálise três vezes por semana e passou a dar maior valor à vida depois da experiência com doentes em estágios muito mais graves que o seu, uma velha senhora que gosta de ler sobre história e que se prepara para ver a neta em londres, um escritor apaixonado que não pára de falar de literatura e, ao olhar-se no espelho da literatura, economiza com o analista, dois ex-amantes que se (re)encontram na condição de bons amigos e brindam à amizade, criancinhas com sono, filhos adolescentes que dão e recebem afagos: uma reunião familiar de uma família que não é a minha, mas tão parecida na sua diversidade de humanas paisagens que bem poderia ser

**terça** 4 os moradores do jardim las palmas, à beira da billings, felizes, foram informados de que, agora, residem num bairro ecológico. queixam-se eles, no entanto, das bolas de futebol chutadas pelos meninos que brincam na rua e dos cavalos e bois que vêm comer as mudas de árvores e a grama plantada nas calçadas, justamente as marcas que, junto com o asfalto ecológico, imprimiram ao bairro a qualidade de ecológico. a tecnologia de ponta convivendo com vacas e cavalos a pastar nas ruas onde meninos ainda brincam. contrastes (ecológicos?)

quarta 5 a memória na pauta da sala ao lado, onde a violência e a segurança são discutidas. que relação seria possível estabelecer entre o resgate da história local e a discussão da segurança, preocupação primeira da quase totalidade dos munícipes? a palavra cidadania faz-se ouvir e, aqui, casa-se bem. a violência na rua discutida sem levar em conta as pequenas violências domésticas, familiares, nas relações de afeto, na ausência de ética e honra (a banalização as tornou aceitáveis)

quinta 6 um dia repleto de sem (sem empregada, sem compromisso, sem carro, sem ânimo, sem humor) só pode mesmo permanecer sem texto

sexta 7 a cidade ilumina-se só de velas: é o *bastar*, pela paz e contra a violência. acendo a minha, sabendo de antemão que é preciso ir além do gesto

sábado 8 a simbologia de uma união de vinte e oito anos que deu certo, representada em três alianças de ouro entrelaçadas, cuidadosa e criativamente embaladas dentro de um livro-porta-jóia, especialmente confeccionado para esse fim pelas herdeiras desse afeto, sela a data e o amor e aponta para a sua perpetuação

**domingo** 9 o disco rígido humano não pode ser encarado com a mesma lógica da memória cibernética que pensa binariamente. uma idéia perdeu-se sem que eu tenha ao menos acionado a tecla delet. a velha e poderosa caneta ainda carece de uso, não só pela sua portabilidade, mas também pelo símbolo que representa

**segunda** 10 a arte se sobrepõe às crises, mas nem por isso prescinde de dinheiro. músicos comem, vestem, viajam, hospedam-se, sustentam filhos. sentar-se na platéia de um belo teatro, fruir da música, pressupõe momento mágico sem dificuldades que o precedam. mas antes, bem antes, desse momento, há gente que avança na noite à busca de soluções criativas para que esses seres dotados de talento criador possam subir no palco e transportar espectadores a outros planos de humanidade. ninguém brilha sem manter um pequeno exército de plantão a garantir a magia

**terça** 11 o ancião memorialista não quer saber de histórias. delas, sua vida está repleta. sabe que lhe resta pouco tempo e deseja participar da vida comunitária, liderar. os moços podem esperar. ficou de fora desta vez, mas a cidade sabe que voltará, pois dele precisa para respirar, como dela precisa o ancião para sentir-se vivo e cidadão



**quarta 12** a serra do mar, após uma semana de calor atípico próximo de trinta graus, volta à sua condição invernal mais condizente com o calendário, através de uma espessa neblina a separar a praia do planalto. almoço na antiga ilha de santo amaro com os olhos enevoados de mar. volto – a alma revitalizada pelo mergulho ancestral do olhar no atlântico

**quinta 13** o pino implantado no osso do maxilar é doloroso intruso a reforçar a suspeita de que talvez melhor fosse seguir o curso natural da trajetória vital. o custo do redirecionamento físico é penoso e violentador

**sexta 14** pelo milagre dos satélites, a tv portuguesa noticia em tempo real a chegada a berlim do *expresso literário*, levando a bordo cem escritores europeus a (re)fazer o velho percurso férreo lisboa-berlim, desta vez, com a incumbência de cada um fazer o seu diário literário de bordo: um olhar sobre a nova europa e suas (novas?) identidades. os escritores municipais da província do abc brasileiro fizeram o seu, bem antes – sincronicidade planetária?

**sábado 15** a literatura como modo de vida, misturada ao café da manhã, repartida com o dono da quitanda da esquina, esgueirando-se pelas notícias dos jornais diários, fabulando as mazelas cotidianas, dividida entre o capital e o trabalho, entre o real e o imaginário. em tardes frias assim, ouvir depoimentos de escritores que fizeram sua opção definitiva pela literatura é pílula animadora



**domingo 16** enquanto os velhos tomam seu café da manhã após uma noite sem sobressaltos, os jovens buscam o calor da cama, após o enfrentamento da noite e seus espantos. os de meia-idade aquecem um pouco mais os lençóis já quentes pela longa noite de apreensiva espera – estilos e preocupações diversas a ocupar o mesmo espaço físico

**segunda 17** beleza antropofágica e *ready made* nos institutos de beleza do bairro:

- promoção: com 1 corte + 1 unha você ganha uma escova.
  - pacote em promoção: 4 mãos, 1 pé = R\$ 36,00 – unha de porcelana e cristal.
  - promoção: perna + axilas = virilha grátis.
  - imperdível: você faz 1 corte + 1 unha e ganha a escova.
- (o ser humano retalhado/comprado/vendido aos pedaços?)

**terça 18** recuso-me a acreditar no mundo anunciado em matrix: a vida deve valer a pena de outra maneira e as partículas do cérebro humano devem possuir alguma outra propriedade mais complexa do que os grãos de areia do vale do silício

**quarta 19** sob a égide de um neoidioma, os moradores do bairro neopequeno-burguês, deixam a roupa suja na dry wash, o filho no pink and blue freedom, passam na fitness para alongar os músculos, deixam o cachorrinho no loaf toy pet shop, alguns papéis na all graphic e o carro no clean car, solicitam serviços no actual designer, cuidam da beleza na new sun. a vizinhança, cunhada como da classe c e d, aquela que circula em torno da estação férrea, bebe cachaça com rapadura

no bar do jabá, cuida da beleza no corte de cabelo legal, escolhe uma carinha de sol, sem sif, na casa de carnes belo boi, adquire cedês piratas no camelô ou os originais no rei do baião e se lambuza com um churrasco grego à porta do nosso bar. verdadeira legitimação e resistência tupiniquim à hegemônica língua inglesa que tanto encanta os emergentes

quinta 20 pensando bem, este diário (?) está sendo assim escrito quase à maneira dadá sem dadá pretender imitar (a não ser da(da)lila). valho-me do cotidiano sem assumir responsabilidades com ele, tentando ser outra coisa que dialogue com a literatura e a poesia, sem ser voz de uma única nota nem caminho de mão única. seguirei a registrar impressões, piscadas de alguma luz, imperceptíveis marcas que meu olhar e cérebro registram e, antropofagicamente, transformam em outra razão para ser mastigada/compartilhada com outro possível olhar acumplicante e leitor

sexta 21 o ancião cultua os poetas, dizendo há cinquenta anos seus poemas com a dignidade que os poetas sempre desejaram. neste novo século, contrariando todos os apocalípticos, volta à moda o sarau e, com ele, a palavra (re)valorizada

sábado 22 acreditar em uma humanidade regida por princípios éticos, em uma sociedade sem preconceitos que respeite as diferenças, em um futuro onde o avanço da ciência esteja a serviço da humanidade e não de interesses escusos, não passa, convenhamos, de uma tremenda utopia. mas um grupo de vinte e tantas pessoas gastou uma tarde a pensar esse sonho, não no seu sentido de alienação, mas o sonho como revelação e mensagem. vale a pena priorizar a utopia imaginando um efeito multiplicador

**domingo** 23 edgar morin: “No jogo em que tudo vale e nada se perde, em que se destrói para recriar, as religiões, o mito e a magia devem ser valorizados. O conhecimento racional, empírico e técnico deve conviver com o simbólico, o mítico e o poético”. eu: entenderá assim a humanidade, adoecida de cientificismo pragmático e especializado?

**segunda** 24 em medicina, não existem certezas, só tentativas e de tentativa em tentativa os pacientes-cobaias arcam com os inesperados resultados: dor, dor, dor – que não é tentativa, é dor que dói e que se sente (e é bom que se diga que isto não é poesia)


**terça** 25 um rio de fotografias atravessa este dia literalmente nevoento beirando os enregelantes doze graus centígrados. ver-se, assim, outras. não (re)conhecer-se em todas que já foi, não saber qual delas ficou (ficou?). o espelho mostra outra. por fim, admitir: ficaram sim, palimpsestos, que jamais serão raspados, camadas superpostas que ficarão a formar aquela que ainda serei

**quarta 26** um prêmio pode ser à vaidade, à carreira, ao sucesso ou a nada. anunciam-me um e sei que, independente da vaidade, pouco me servirá

**quinta 27** a arte como catequese rumo à conquista da cidadania, a educação do olhar e dos sentidos foi mais uma rodada entre os muitos assuntos que tanto afligem entidades da sociedade civil que desejam discutir saúde, moradia, educação, melhoria das condições de vida. um longo caminho: a arte encarada como parte integrante da pauta, elemento vital na discussão pela sobrevivência

**sexta 28** leio as errâncias do poeta concreto, palavra e discurso retomados, alguns rompantes de arrogância intelectual, invencionices esquecidas. aqui, o homem e suas paixões por detrás dos signos, sem medo das meras significâncias. uma literatura que nega, mas retoma a palavra: o concretismo é já passado, a palavra (e o discurso) ainda reina, inclusive entre aqueles que a negaram

**sábado 29** projetos. a vida movida a projetos. projetos para abastecer o futuro e quantas vidas mais houvesse. tão pouca vida para tanto – adequar as ações àquilo que nos resta do resto de nossas vidas seria a opção mais sensata, se é que paixões admitem ou são compatíveis com sensatez.



**domingo 30** a palavra percorre todo este dia em forma de leitura e de escrita. letras, letrinhas, tipologias várias. papéis: fosco, brilhante, matte. preencher a existência com a palavra e o livro é não abrir mão da utopia da página impressa

**segunda 31** a enorme distância entre o discurso e a prática de alguns homens públicos torna-os tão ridiculamente falsos como o plástico do camelô a querer imitar pérolas naturais

## AGOSTO

**terça 1** a emoção rapidamente substituindo a razão é pesadíssimo fardo genético que se carrega sem opção. por conta de um desses momentos de exacerbação passional, nos quais a língua não obedece o pensar, amarguei uma noite de pouco sono na vontade de recolher palavras ditadas pela emoção, mas que deveriam ter permanecido em seu estado de dicionário

quarta 2 nas gaiolas verticais, cidadãos autoaprisionados recusam-se a espiar a vida lá fora – a cidade não lhes diz respeito, bastam-se a si mesmos, oroboros devorando suas próprias caudas. a vida vista das janelas. a vida pela janela da casa e do reluzente automóvel, fortuna ambulante que foge de sua função principal (transporte), transformado em objeto de fetiche e exibição

quinta 3 um violino comprado à prestação descansa num galpão, quase casebre, à espera do milagre da redenção pela arte. haverá? para salvação da humanidade, hoje, encontrei quem ainda acredita

sexta 4 a mulher mostra-me a boca ferida, os dentes quase nenhum, o corpo esquelético. pede-me dinheiro para pagar as magras compras no supermercado. olho meu carrinho repleto e dou-lhe o necessário, envergonhada da própria fatura

sábado 5 andar no centro da cidade na manhã de um sábado frio e ensolarado pode ser um programa inesquecível. a incidência da luz solar, diferentemente dos shoppings, deixa as ruas, os bancos, as soleiras das lojas e os semblantes das pessoas com ares de vida natural. caminho e é como se, penetrando-a, a cidade passasse a me pertencer, reconhecendo-me e convidando-me a penetrar suas vielas-entranhas em nomes de santos disfarçadas. é sábado e é como se já fosse domingo

**domingo 6** deslumbramento: o grupo cobra nas paredes da pinacoteca. magnífico movimento que preconizava “a arte como parceira ativa na sociedade”. a incompreensão dos que encaravam a arte como forma de poder, através do estabelecimento ditatorial de cânones, talvez tenha sido responsável por alguns deles terem morrido tuberculosos e desnutridos. um colecionador esperto previu que ficariam – como ficaram – e comprou-lhes praticamente todas as obras (por quanto? alguns pratos de comida?). ainda assim, fizeram da arte uma brincadeira, reinventaram-se crianças e cores, para deleite desta tarde de domingo, meio século depois

**segunda 7** os ladrões arrombaram a livraria, mas os livros ficaram intocados. equipamento eletrônico, bebidas, dinheiro e até um violão foram alvo de seu interesse. quebraram janelas e portas, beberam, espalharam objetos pelo chão, saíram e fecharam cuidadosamente a porta. o sentimento de impotência e invasão que causariam não os comoveu, afinal, é a guerra (ou não?)

**terça 8** a literatura localista invade o templo do consumo. o escritor em carne e osso na megalivraria do shopping. o corpo do escritor ao lado dos mais vendidos anunciados na gôndola principal. o escritor que bebe vinho, que autografa, o escritor falível que derruba taças num gesto mais amplo e erra o nome do leitor, a literatura morando ao lado, vizinho silencioso e incômodo que, agora, sai ao portão à luz do dia



**quarta 9** o livro, após a criação solitária e o recebimento da tinta na letra de forma, é mercadoria à mercê mercantilista queiram os sentimentos puristas ou não dos seus autores. a tarde toda dedicada a conciliar uma atividade inserida no mercado, sem abrir mão do rigor da qualidade literária, nem perder de vista propósitos que fomentem a leitura e fruição. ó sonhos, abri mão do mero sonhar e faça-se o caminho

**quinta 10** tinham razão os índios que temiam a alma roubada pelas fotografias. esta tarde, numa interminável sessão de fotos para um fotógrafo de uma revista, senti a alma sequestrada, lentes radiografando intimidades que, não sei por quais cargas d'água, permiti fossem penetradas

**sexta 11** iniciar um fim-de-semana com lizst e chopin (re)interpretados ao vivo pelas mãos mágicas (e nervos, e plasma, e gestos, e corpo) de um artista é fazê-lo em estado de graça e comunhão com o universo. os prelúdios como prelúdio de um jantar com amigos que, além do bom vinho, é temperado com uma (quase) interminável conversa sobre a paixão de ler: inesquecíveis personagens sentaram-se à mesa, como companhia real e palpável que agasalha e fortifica

**sábado 12** o frio abaixo de dez graus não afugentou os sedentos da palavra. um a um foram chegando e, logo, pequenos grupos estavam formados. ali discutiu-se a violência e formas de acabar com ela, o poder da cia. das índias no século xvi, início do processo de globalização; o poderio marítimo da holanda e da Inglaterra. outros, ainda, discutiram receitinhas de bem viver, afiando a navalha da língua na busca do saber

**domingo 13** o ancião comemora o dia dos pais bebendo uma garrafa de bom tinto, sem se importar com a prudência deseável para as oito décadas nos costados

**segunda 14** a vida construída em equivocados alicerces, as paredes tortas a subir sem prumo, o reboco mal disfarçando o desvio, o perigo de ceder à primeira brisa: o viver na corda bamba dos afetos mal resolvidos, da perda da dignidade nos diálogos e no repartir a vida em conjunto. que dizer a quem lhe confessa tão delicada situação? há pessoas atraídas por abismos e vivem assim, permanentemente sem ar, a cabeça cheia de vertigem

**terça 15** as portas dos bancos são aparelhadas com sofisticados detectores de metais. em nome da segurança, dizem. um desses sofisticados equipamentos barrou hoje minha entrada. suspeita em potencial. o medo a gerar paranóias. na pobre vida murada, basta o porte de um prosaico batom para impedir a passagem

quarta 16 a história em congresso, discutida, estudada. como cenário, o fog da serra do mar ilustra a ocultação da história não oficial. um acontecimento a apagar o outro

quinta 17 uma pequena mesa ao lado da mesa de café e biscoitos expõe livros de literatura. os trezentos inscritos no congresso tomaram café, comeram biscoitos, conversaram alegremente e nem sequer deram por eles, ali, silenciosos, à espera. voltam os livros para a prateleira à espera que um remoto fato estético se dê

sexta 18 macau na pauta. macau na literatura, macau na presença dos seus dois mil imigrantes, de luso ascendência, residentes em sp que ali fundaram sua casa de cultura. macau na saudade de um cônsul e na visão lírica de uma poeta que não pôde ser outra coisa: eu. bom ver/ouvir sobre as pegadas lusas deixadas naquelas distantes terras a oriente, aqui, ao sul, no templo sagrado da biblioteca mário de andrade

sábado 19 a maratona dos sábados hoje esticada. jornal literário na pauta da manhã, uma lasanha numa cantina, regada a muita conversa literária e uma tarde de muita poesia com um poeta brasileiro a trair metáforas. seríssima brincadeira

**domingo** 20 a família no cardápio do domingo, cordeiro temperado à caçadora e um chester douradinho para os menos afeitos a carnes de forte personalidade. vozerio, algazarra, discussões, irritação, afetos. a música ao vivo no cardápio da noite: orquestra e pianista com chopin e bach no bis, presente mais do que dadivoso

**segunda** 21 pensar em viajar é já o começo da navegação por odisséus caminhos. mergulhar o corpo nas águas azuis do mediterrâneo haverá de revigorar

**terça** 22 no escurinho do cinema, o machismo invertido na fita: uma mulher (nordestina) que vive com três maridos (vivos), diferentemente da personagem de jorge (dona flor possuía um marido vivo e outro já posto em sossego). *eu tu eles* é um só abuso de pôr-de-sóis e gente de pele ressequida em paisagem idem. real, por demais real... a arte deve limitar-se a reproduzir a paisagem? ainda assim, saio cantarolando a bela canção-trilha de gil

**quarta 23** seis da madrugada. sonolenta, preparo-me. livros no embornal, às sete e quarenta e cinco, em ponto: a literatura e seus autores no cardápio, o movimento insano em prol da leitura. manifestações de carinho e solidariedade. um livro vendido. viva! um número nada desprezível para um inutensílio como esse. dentista no intervalo. corte numa pequena fístula na gengiva. castigo dos deuses da palavra oral?

**quinta 24** levar imensas esculturas para uma exposição de um dia pode parecer algo insano, como agora me parece, mas foi o que foi: beleza a serviço da catequese cultural

**sexta 25** mais uma grade de proteção em ferro na livraria. cada vez mais confinados, homens e livros. para servir de consolo, diz o pedreiro, enquanto vai colocando a grade: a última vez que o buffet de minha mulher foi furtado, entraram pelo telhado, arrombaram o estuque e esmagaram com as mãos todos os bolos da geladeira, mas o que comeram mesmo foram todas as bananas que encontraram. eu, reforçando o ainda ansiado consolo: ainda bem que ninguém gosta de livros, só de bananas

**sábado 26** a arte vai ao fórum e cutuca sensibilidades com varas invisíveis, amplia sensações, desperta curiosidades e desejo de saberes, mas são tão poucos os que se dispõem a parar e ouvir... sensação de pregação em pleno deserto

**domingo** 27 passagem na mão, o mergulho em mapas, roteiros decorados: a viagem, antes do seu começo já é viagem

**segunda** 28 “centro educacional catatau – um novo futuro onde o seu filho aprende brincando. ½ período r\$ 60,00. período integrou (sic): r\$ 120,00”, diz o anúncio pintado em um muro da av. winston churchill. a educação em alto “grau” de analfabetismo por um custo de quase um salário mínimo

**terça** 29 carros param à porta do alfarrabista a oferecer (por qualquer preço) toneladas de livros sem capa, páginas rasgadas e cheirando a mofo. o sebo encarado apenas como depósito de livro imprestável, jamais como repositário de raridades preservadas. tristes trópicos, tristes tempos

**quarta** 30 com medo de ceder à intolerância, permite-se o fumo, mas o fumante, assim como qualquer outro dependente de qualquer droga, não sabe dosar a prática e obriga o não fumante a submeter-se a altas doses de nicotina. diante da intolerância do não respeito aos tolerantes, a proibição lamentável, mas necessária



**quinta 31** comprar alimentos pela internet é como casar sem conhecer o marido. como pedir um produto sem ler o rótulo, examinar a coloração, sentir o odor, a textura, o gosto seduzido pelo olhar? dilema: comprar sem usar os sete sentidos ou enfrentar as filas do caixa do supermercado e o processo das dez operações? (uma- tirar da prateleira o produto. duas- colocar no carrinho. três- tirar do carrinho. quatro- colocar no caixa. cinco- colocar no carrinho. seis- tirar do carrinho. sete- colocar no porta-malas do carro. oito- tirar do porta-malas e colocar no elevador. nove- tirar do elevador e espalhar no chão da cozinha. dez- arrumar na prateleira). aceitar a modernidade sem que a máquina substitua o prazer dos sentidos, o desafio

## SETEMBRO

**sexta 1** a era de gutenberg está no fim? o papel substituído pela máquina? não, o que está em cheque não é o fim do papel que, ao contrário do que se imagina, assume proporções de uso inaceitáveis, mas a questão da leitura, dos novos alfabetos úteis que não sabem redigir uma só oração. nunca se publicou tanto, mas publica-se o quê? o livro como suporte do quê? da literatura instrumental para uso imediato de trabalho? o que está em cheque é a tragédia da ilusão de que a máquina suprirá o conhecimento e substituirá o próprio homem

**sábado 2** o boeing setequatrosete-quatrocentos da klm, pássaro de monstruosas dimensões, carrega, entre umas três centenas de almas, as de dois latinos odisseus. a longa parada em amsterdam é preparo psíquico necessário ao enfrentamento do momento ansiado: pisar solos milenares, carregados de mitos, simbologia e história



domingo 3, atenas ignoro as mazelas desta caótica metrópole (sujeira, tráfego congestionado, poluição) e, viajante unicamente à busca do passado, derramo meu olhar sobre suas marcas. a presença soberana da acrópole a dominar todos os ângulos da paisagem já vale uma sinfonia (olhos fechados, ouço os primeiros acordes da abertura de ruínas de atenas, opus cento e treze, de beethoven). apenas por essa fantástica visão, já teriam valido as vinte e duas horas da travessia. em celebração, nada mais apropriado do que invocar, ainda na memória, as criaturas de prometeu, do mesmo beethoven

segunda 4, atenas o world renaissance, da royal olympic cruises, singra mansamente as águas azuis do mediterrâneo quando, à frente, surge mykonos, com seus balcões projetados sobre o mar à maneira veneziana, seus moinhos de vento e seu casario branco em estreitas e labirínticas ruelas, ao abrigo dos ventos, onde logo me perco nas descobertas fora dos guias turísticos. meu olhar, extasiado, pousa sobre uma magnífica madona de um ícone bizantino, no interior de uma minúscula igreja, dentre as trezentas e sessenta e cinco que dizem haver aqui. na praia, o pelicano permanece símbolo, mas... (penas sujas e aparência de abandono... a pobre ave)

**terça 5, kusadasi, turquia** éfesos, da virgem maria, de são paulo e são joão. éfesos de héraclito e dos romanos, santuário e história, divisa entre europa e ásia. o império romano hoje renasce nas escavações, soberano, dentre as duas mil cidades que, calcula-se, ainda estejam soterradas em kusadasi, cidade-porto de otomanos, gregos e romanos. foi aqui, no antigo reino de artemis, a grande mãe, que celso ergueu a majestosa biblioteca, cento e trinta e cinco d.c., hoje em ruínas, mas que ainda preserva, à sua entrada, quatro solenes estátuas representando a sabedoria, a ciência, a virtude e a fortuna, qualidades pouco cultuadas nos dias atuais, com exceção da fortuna, entendida no seu sentido apenas de possuir bens, perseguida por todos e alcançada por tão poucos

**terça 5, patmos** tarde: na baía em forma de coração aportou são joão para, recolhido em sua gruta, escrever o apocalipse. a beleza das águas guarda o seu destino sagrado, oferta azul aos visitantes do terceiro milênio

**quarta 6, rodes** de pedra eram todos os caminhos que desconheciam a pressa. por estas velhissimas ruelas caminhavam, solenes, os cavaleiros, sempre saudados por seus feitos e glórias. a pedra e os homens aspiram, sempre, ao eterno. aquela consegue, estes, nem sempre

quinta 7, creta se o minotauro foi mito, o labirinto é real, tal qual homero o poetizou, como a história o aceita e como os afrescos o confirmam. cnossos e a megalomania minóica superaram a mitologia e aqui permanecem a confirmar o mito e a causar arrepios diante da inverossímil grandeza

ainda quinta 7, santorini o momento ansiado e não concretizado pela dependência do medo. o mudo convite ao desfrute da beleza próxima esbarra na rocha, na altura e na vertigem – beleza inacessível. as insondáveis razões da alma negam-se a aceitar – santorini permanecerá na paisagem imaginada junto ao mar, colada à beira do cais. o medo que não quis subir, a alma covarde que não cedeu ao corpo. para indefensáveis razões e medos infundados de altura, ficaria mais fácil subir a escarpa no lombo de um jumento do que subir no teleférico. santorini ficará comigo na irrealidade dos postais e na verdade dos deuses.

sexta 8, atenas nos degraus de mármore da acrópole é preciso parar, dissolver o nó na garganta diante deste privilégio, antes só aos deuses concedido: contemplar de perto as colunas do partenon e ser contemplada pelos seus dois mil e quinhentos anos e os olhos de todas as divindades e os olhos de todos os homens e a emoção de todos os tempos. confiro: ali está a oliveira da deusa atena e a marca do tridente de poseidon a coincidir com as marcas cravadas no meu imaginário. exatamente iguais, como a forma humana dada aos deuses pelos homens da antiguidade. as muralhas da acrópole, testemunhas, recolhem e guardam todos esses passos

sábado 9, argolis, corinto e micenas agamenon assassinado, morte pífia para um herói de tróia, herói traído, herói vingado, herói enterrado com requintes arquitetônicos, herói saqueado na tumba, novamente traído. sobraram as pedras (erguidas por quem?): agamenon literário

ainda sábado 9, epidauros a vida na tragédia. a tragédia como representação da vida e da arte. o engenho e a matemática, através dos círculos concêntricos que não se dispersam - acústica e inacreditável arquitetura de um tempo em que a vida não tinha hora marcada, era um natural fluir

**domingo 10, atenas** atenas é só subterrâneo e escavação sempre à espera da decisão: preservar ou seguir o que manda o progresso. indecisa, a cidade permanece eternamente em obras, sem saber ao certo como conciliar progresso sem matar-se. o passado também foi para os corredores do museu nacional de arqueologia (aquilo que escapou dos saques levados para paris, londres, nova york): máscaras (seriam mesmo as de agamenon?), objetos e tesouros a despertar imaginações. imponente, permanece a acrópole, dominando a paisagem

**segunda 11, delfos** nada mais inútil, neste final de verão, do que orar a apolo, fazer-lhe oferendas, solicitar-lhe iluminação para a palavra ou, pior, pedir conselhos que, sei, serão sempre dúbios na fala gutural de pitonisas ébrias de gazes e mistérios. no inverno que se aproxima, os esquiadores que descerem estas outrora sagradas colinas do monte parnaso, sequer desconfiarão que escorregam em deuses e símbolos. só os poetas sabem disso e do porquê das duas águias a se encontrar

**terça 12, atenas** um hóspede do hotel stanley passa por mim, bandeja de café nas mãos e, nela, um livro. a manhã é de júbilo e celebração por ver este alimento, cada vez mais raro, ainda a fazer parte do menu cotidiano de algumas pessoas

quarta 13 voltar porque se é partida e fuga e sempre deixamos alguém à espera (autoplagiadora, disse eu mesma isso em algum poema). pois é, regresso à casa, dentro de um boeing holandês e de um poema antigo de dalila – revisito-me

quinta 14 voltar à casa e poder contar dos caminhos, mostrar as marcas do que já não sou

sexta 15 os corredores por onde passa a lei e a justiça são cinzentos e lúgubres. pessoas de fisionomia tensa, paredes com pintura descascada, bancos de pedra e mobília quebrada, como a dizer: fracassamos... no ambiente cinza de uma delegacia de policia até as vítimas passam a réus

sábado 16 rever amigos, narrar viagens, realimentar o ânimo diante da realidade violenta e agressões cotidianas

**domingo 17** livro-me da angústia de “sair do ar” por alguns dias e tentar retomar o “tempo perdido”, ou seja, ler todos os jornais e publicações atrasados: ao diabo com tanta informação. leio apenas a correspondência, o que não é pouco. nos intervalos, alguma poesia, alimento indispensável

**segunda 18** o jardineiro cava a terra, preparando-a para a primavera. um pássaro preto destemido, observa-o à distância, enquanto sabiás empanturram-se com a ração deixada pela moradora do décimo segundo. a luz é intensa e o condomínio andreense é só bucolismo. deixo-me envolver, fingindo ignorar que a vida lá fora não é exatamente assim. assumo a covardia de habitar um bunker numa cidade onde tantos vivem expostos

**terça 19** ao postar, de atenas, no último dia onze, um cartão para o amigo, tive um arrepio de pressentimento. senti-o ali, ansioso e gozador como sempre, a ler por antecipação o que havia escrito, antevendo, talvez, que o seu corpo doente não mais estaria ali para receber o postal. o seu espírito sim, sempre em comunhão com os escribas, já recebera a mensagem. hoje, compareci à missa do sétimo dia do querido amigo, morto no dia doze. o pacto havia sido selado à distância, não haveria despedidas, mas o vazio já é perceptível



**quarta 20** novamente o imponderável... o eixo vital fora do lugar.... a dor diante da dor de um ser querido

**quinta 21** em profusão, os números da revista caras ocupam as mesas e as mãos nervosas na sala de espera pós-cirúrgica do hospital. o efêmero, a futilidade, a vaidade, o simulacro de felicidade (o ser total confundido com o ter tudo), ao lado da fragilidade humana e das pequenas e irremediáveis tragédias pessoais. sinto-me agredida com essa intimidade revelada desse micromundo de mentira que, diferentemente daquele criado pela literatura, é real e vergonhoso

**sexta 22** um livro singelo escrito por um médico português, viajante contumaz e amador das paisagens portuguesas, foi a companhia ideal para uma longa tarde no hospital, à espera de notícias sobre a saúde da mãe

**sábado 23** o número oitenta e nove da tribuna popular comove e representa a verdadeira despedida a seu editor. um número digno de seu criador, que soube viver a vida com humor e dedicação à palavra. o jacaré na capa e seu sorriso brejeiro a dizer: até logo, acabou

**domingo** 24 até onde a ciência pode dispor assim de seres humanos, invadindo seu corpo, rasgando-lhe artérias, em nome de um possível prolongamento de vida? (quais as garantias de que essa vida será por inteiro, ou apenas um número para engordar estatísticas de salvação?)

**segunda** 25 buraco negro sem registro, ausência de luz e cor


**terça** 26 a dor de ver o outro em dor

quarta 27 a dor de não poder substituir a dor

quinta 28 a dor de não poder eliminar a dor

sexta 29 o vazio da dor

sábado 30 para onde irá a memória dos dias em que a escriba deixou de registrar os dias em face da dor? sem a disciplina da palavra escrita, a semana é transformada em vaso quebrado, difícil de reconstituir



## OUTUBRO

**domingo 1** recolho alguns cacos roubados aos últimos dias: um prêmio ao trabalho devolve-me algum resquício de vaidade e motiva a prosseguir; uma reunião literária, autógrafos, cantorias. leituras e mais leituras, edgar morin à frente de suas sedutoras idéias sobre o amor, a poesia, a sabedoria, humanismo e a sua complexidade, lições desse admirável pensador da modernidade que a própria modernidade deverá rejeitar, posto que, afinal, contesta com tanta veemência a adesão pura e simples aos seus enganosos (des)caminhos

**segunda 2** conjeturas, apenas conjeturas. a viabilidade econômica para a cultura que não é mercadoria nem segue as leis de mercado é conversa que ninguém quer ouvir. nonada

**terça 3** veia bailarina chega, sincrônica e oportunamente às minhas mãos e à minha leitura, através de uma surpreendente biblioteca de hospital, exatamente no mesmo ambiente onde o drama literário de loyola se desenrola. um drama verdadeiro, revela um homem e seus medos diante de uma tijolada do destino, um escritor vestido de humanidade e de sua literatura

**quarta 4** registro apenas o ir e vir, a via anchieta cada vez mais longa e difícil de galgar, as angústias mal disfarçadas, o peixe comprado à pressa, a falta de apetite deste dia sem graça, difícil de registrar

**quinta 5** a luta para colocar o escritor local em evidência, discuti-lo, estudá-lo consome boas horas desta tarde que, por conta do meu entusiasmo, acabou por encarregar-me de mais uma tarefa em prol do bem coletivo. ufa! que não me emendo

**sexta 6** outdoor de um colégio em são bernardo do campo anuncia educação de alta tecnologia. morin, lido há poucos dias, dizia: “Existe uma pressão superadaptativa, que leva a adequar o ensino e a pesquisa às demandas econômicas, técnicas e administrativas do momento; a conformar-se aos últimos métodos, às últimas estimativas do mercado, a reduzir o ensino geral, a marginalizar a cultura humanista. Ora, na vida como na história, a superadaptação a condições dadas nunca foi um indício de vitalidade, mas prenúncio de senilidade e morte pela perda da substância inventiva e criadora”. preocupada, devo concordar novamente com o pensador: “não se trata apenas de modernizar a cultura: trata-se também de “culturalizar” a modernidade”.

**sábado 7** um velho companheiro de letras lança mais um livro em tarde festiva (com vinho de garrafão e salgadinhos baratos – bem ao seu estilo). ao contrário do vinho e dos salgadinhos oferecidos pelo autor, os contos são de boa qualidade. mistérios do ser: viver mal, por opção, para bem escrever?

**domingo** 8 revisitar sócrates, através de platão, e tentar (re)aprender lições de pensar com conceitos claros e seguros, repudiando ideias vagas e preconcebidas. aprender que o conhecimento deve ser algo vivo e dinâmico e sua construção deve reunir intelecto e emoção, sabedoria estritamente humana

**segunda** 9 palavras ditas não se recolhem. as que disse e que não foram bem ditas, assim ficarão. o dito pelo não dito. gente demais à mesa, gente de menos na platéia. o de sempre: de poeta para poetas. sonetistas, trovadores, geração quarenta e cinco, geração sessenta, geração noventa, acadêmicos, concretistas, visuais, pós-modernos, pós-tudo, solitários, como eu, sem filiação, observando, observando-se (e os leitores, onde?)

**terça** 10 brancos e assépticos corredores por onde passeiam olhos avermelhados de expectativa e sofrimentos. aqui, somos todos reses à espera, na fila do matadouro. a única diferença é o tratamento hoteleiro vip, a criar ilusões e diferenças



quarta 11 minha amiga liga do funchal com boas notícias: a terra materna a acolher a filha distante que outra terra adotou. canja e massagem no ego não fazem mal a ninguém

quinta 12 dia da padroeira comemorado sem religiosidade a dar conta da rotina, sem deixar de agradecer ao senhor e à padroeira do brasil pelas tantas graças recebidas

sexta 13 só agora, o dia findando, é que noto o número treze desta sexta. nem por isso notei nenhum gato preto atravessando meu caminho. dia de clara luz de primavera, no qual alguns embates pela cultura foram travados

sábado 14 jogar conversa fora e falar da vida alheia até que pode ser divertido para uma tarde de feriadão onde todos os poetas tiraram férias e a cidade adormeceu. eu e uma amiga passamos a tarde a escarafunchar vidas de escritores e chegamos à conclusão que esses grandes espíritos da humanidade, na sua esmagadora maioria, foram pessoas desinteressantes, repletas de problemas, com posturas políticas de causar espanto, tinham dentes cariados, não gostavam de banho, não resolviam suas paixões reais, de carne e osso, eram péssimos pais e piores esposos. humanos, por demais humanos

**domingo 15** descubro entre centenas de anjos de todas as épocas, em exposição na pinacoteca, uma curiosa “anja” sorridente e de redondos e sensuais seios à mostra, obra de autor anônimo, em madeira policromada do xviii. claro está que seu autor nem seria louco de, com tal heresia, correr o risco de identificar-se e candidatar-se à fogueira. que anja seria essa? filha de eros, protetora do amor?

**segunda 16** navego na internet e seu mundo fantástico de interesses. por trás de cada anúncio, de cada nome, um ser humano, com interesses os mais disparatados: há gente interessada em tudo, desde jogo do bicho até astronomia, passando por coisas bizarras e exóticas, além das triviais, nossas conhecidas, como música, literatura e viagens. atrás da máquina, o homem e seu desejo de trocas e de saberes

**terça 17** apenas duas horas de fortes chuvas e a cidade está submersa. bueiros entupidos (as toneladas de propaganda eleitoral jogadas nas ruas nas últimas eleições devem ter contribuído em grande medida para o agravamento do problema), a irresponsabilidade dos próprios cidadãos e um não mais acabar de outros agravantes, fazem dos problemas das enchentes o grande desafio para os novos governos municipais que se instalarão no próximo dia primeiro de janeiro de doismileum. intransponíveis rios de água pluvial e lama – ilhados habitantes continentais

**quarta 18** na reunião da escola da filha de dez anos – conta a mulher – a maior queixa foi a do furto de objetos das mochilas dos estudantes. a denúncia pareceu, segundo ela, não abalar a maioria das mães. trata-se, é preciso frisar, de uma escola onde estudam crianças de família da chamada classe média e que, é de se imaginar, não passem fome nem necessidades prementes que justifiquem tal atitude. os valores morais desapareceram do seio das famílias e prevalece a lei do salve-se quem puder. não estaria aí o primeiro gesto (a cobiça do alheio) na escalada da violência e, até, do crime?

**quinta 19** o poder da inclusão pela arte. é possível apalpar os resultados, na força com que jovens de todas as idades, famílias inteiras, passaram a se expressar e, o que é mais importante, se comprometer com a questão da palavra. saio de diadema, cidade estatisticamente violenta, como das vezes anteriores, comovida e gratificada

**sexta 20** comemora os oitenta anos correndo de kart com as netas, falando ao celular, dirigindo sua velha Brasília, ouvindo um cd da madonna, fotografando as pessoas e as plantas do seu jardim, tomando cerveja e fazendo planos para o futuro. admita-se que este não é um caso que se possa classificar de corriqueiro. esse velho-menino excitado com a quantidade de brinquedos recebidos e seus desejos juvenis tardios, parece aspirar à eternidade

**sábado 21** a cultura lusíada na pauta, a poesia na roda da conversa de livraria, o dia consumido em trocas e poemas

**domingo 22** menino-escritor, já passado da casa dos setenta, carrega projetos como carrega brinquedos de armar. arquiteta encontros, desencava estudos, envolve pessoas. apesar de comprometida com tantos projetos da minha freguesia, acabo cedendo à sedução do seu entusiasmo e, vencendo a preguiça, cruzo a via anchieta nesta manhã de domingo

**segunda 23** uma prova gráfica de livro a esaldar as mãos e a provocar um arrepio na espinha. mal-estar. a síndrome de pré-prelo de antes evoluiu para pós-prelo, bem mais terrível, posto que irremediável. lançamento marcado e a tentação da desistência! que idéia essa de concordar em lançar um diário fresco, quente de sentimento e desnudamento, feito agorinha mesmo? onde está o distanciamento necessário para não ferir? loucura

**terça 24** magnífica residência inteiramente transformada em mostra de decoração e arquitetura de interiores. enquanto saboreio vinho espumante e uvas frescas, percorro os olhos pela notável capacidade criativa dos profissionais e penso no destino já traçado para a casa que, hoje repleta de glamour, terminada a mostra, virá abaixo, dando lugar a outra(s) moradas(s), verticalizada(s)

**quarta 25** o café filosófico discute o espaço público substituído pelo privado, a imagem, o confinamento, e penso no jogo político, na substituição do servir pela posse do cargo, na retaliação em nome da fidelidade. hoje, aqui próximo, a política mostra o intrincado labirinto do seu jogo e deixa os do lado de cá assim, um tanto perplexos, sem compreender as regras que jamais são anunciadas

**quinta 26** é chegado o dia de dar a conhecer os registros de noventa e nove. angústia a crescer... como serão recebidas opiniões que tiveram um certo tom à época, mas que, se registradas hoje, provavelmente não teriam o mesmo teor nem o mesmo enfoque. mudei, mudaram pessoas e coisas, mudou o mundo. mas se mudasse hoje esse registro, deixaria de ser verdadeira, por isso deixei-o ficar. assumo, assim, os riscos, a ira ou a indiferença. diários deveriam ter regras, publicados só depois de morto o seu autor

**sexta 27** o poeta e seresteiro, violão a tiracolo, comparece à casa da anciã convalescente, para uma serenata em homenagem à sua recuperação. noite comovente de fados a mostrar uma alma e um ser humano único e admirável

**sábado 28** falar de frescuras literárias na periferia da periferia, gente cansada das mais variadas agruras, é tarefa, a princípio, temerária e inútil. que fazem afinal essas pessoas, reunidas sob o comando de alguns abnegados que pagam do seu bolso o aluguel da casa para levar um pouco de arte, informação e cultura a essa gente? o olhar indiferente de alguns assusta, os olhos brilhantes de curiosidade e mudo questionamento de outros conduzem a um diálogo e a uma troca que realmente acaba acontecendo. tudo ainda tão pouco... apenas um passo, um passinho, mas ainda assim um passo, um gesto

**domingo 29** comentário da amiga no intervalo do concerto: bem que eu gostaria de ver o maestro reger de cor a sinfonia de schubert, a grande – a música sem a amarra da partitura. em resposta quase que imediata, volta o maestro ao palco e começa a reger sem a partitura, olhos fechados, ele, todo música, oferece um momento especial: comunhão planetária

**segunda 30** a rotina na tarefa de ler e escrever – viver literalmente num mundo de letras e palavras, aspiração máxima jamais concretizada

**terça 31** era uma vez um jovem que vivia de recolher ferro velho nas casas da vila pires, nos anos oitenta, a quem procuramos ajudar, oferecendo pequenos trabalhos remunerados e, mais tarde, um emprego na indústria metalúrgica. volta e meia o rapaz, já adulto e casado, fazia-nos uma visita e trazia queijo de sua cidade de origem, em minas gerais, para onde ia de vez em quando e sempre se lembrava dos seus benfeitores. hoje, o rapaz apareceu, confuso e assustado, pedindo um advogado: havia matado um homem. o rapaz saiu das ruas, lutou, lutou, mas, afinal, sucumbiu





## NOVEMBRO

quarta 1 duas educadoras, um músico, dois artistas plásticos e mais duas pessoas com vontade de animar culturalmente a cidade passaram hoje por mim, todos com intenções, mas sem projetos nem idéias definidas a esperar que milagres aconteçam. acontecem?

quinta 2 (finados) longo, barroco, prolixo, palavra e utopia, o filme do realizador manoel, em plena forma aos noventa e dois anos, ainda assim, encanta. não poderia ser diferente nem deixar de ser português: fala da morte com paixão, do eterno mito do encoberto (o sebastianismo) e, conforme remete o título, enaltece a língua e aquele a quem pessoa chamou de “imperador da língua portuguesa”, cuja palavra ajudou-me a compreender melhor o sentimento da ausência, tão caro ao povo português (“ter/precisar de pouca terra para nascer e muita para morrer”), atavismo que faz com que nós, portugueses, nos sintamos em casa em qualquer lugar do mundo, sem deixar, no entanto, de “ter o pensamento sempre em lisboa”, no meu caso, no funchal

sexta 3 a tarde é gasta (ganha) em percorrer as prateleiras de sebos em sampa. a pescaria, no entanto, não resultou em rede cheia, mas sobrou em passatempo e lazer

sábado 4 o poder público (ah, mas isso é tão velho...) peca pela morosidade, proporcional ao inchamento da máquina. tudo ali parece mover-se em irritante slow motion. a inoperância como requisito para a função, ao que parece, virou regra definitiva entre os barnabés

**domingo 5** limpar e arrumar prateleiras de poesia assemelha-se, no meu caso, à tarefa de sísifo. de repente, o encontro com um livro mais querido é convite a sentar no chão e... pronto, o pó fica ali, à espera de ser limpo. outra capa interessante aqui, outro título já esquecido na memória ali e, esquecida das horas, esqueço da arrumação, tarefa sempre recomeçada. a diferença: no mito grego a tarefa é infrutífera e eterna; no meu caso, deixa páginas e versos colados à memória e tem caráter de finitude, posto que é tarefa humana

**segunda 6** noite de abertura da exposição a cidade vista por seus poetas e cronistas: a poesia (e os poetas) ali, já como referência. rápida, veio a resposta à pergunta de alguém sobre onde era o banheiro: – ali, atrás do poema de fulano. logo imaginei a cidade a adotar poemas como referências geográficas: uma quadra à direita, depois do poema de fulano(a), ou em frente ou ao lado do poema de sicrano(a). não custa sonhar

**terça 7** a palestra é sobre epístolas, as cartas, como reconstituição de época e de percurso de vida. essa já quase saudosa forma de comunicação, que envia junto com a mensagem “as marcas do corpo”, tende a desaparecer frente ao novo suporte de comunicação representado pela internet, acredita a conferencista. o mais preocupante: mudados os suportes, estão a modificarem-se radicalmente os conteúdos (“a materialidade do veículo altera o conteúdo da mensagem”). concordo e acrescento: o fenômeno do empobrecimento da língua é preocupante, aquilo que era peça literária substituído pelo bilhete descuidado. compartilho: a criação da ilusão de que a pessoa está ligada no mundo quando, na verdade, o que se instala e acentua é a solidão e o individualismo. também reparto a interrogação: que reservará o futuro a essas novas formas de comunicação (e de vida)?

**quarta 8** o dia todo tensionando a vida na perspectiva de imaginar um bisturi a penetrar na pele a cortar um minúsculo, mas indesejado apêndice em forma de verruga, incomodamente instalado no meu polegar esquerdo. graças à poderosa anestesia, nem deu para sentir o tal objeto perfurante penetrar nos tecidos da minha carne e muito menos o ácido ali derramado para queimar o tal do vírus que, espero, tenha realmente sido eliminado por completo

**quinta 9** então tá: no próximo dia três, encontro marcado com os autores dos diários da coleção imaginário na super banca, para um café, uma conversa e, naturalmente, uma sessão de autógrafos (se interessados houver). será numa manhã de domingo que, espero, seja ensolarada e convidativa

**sexta 10** punks, vinho barato, xadrez e fanzines não se misturam com vestidos de tafetá cheirando a naftalina e gel nos cabelos, tampouco com manos depois do trampo, em happy-hour regado a cerveja, muito menos com mendigos a saborear a sopa quente solidária e menos ainda com poetas eruditos a dizer seus poemas quase cifrados a ouvintes poucos. não se misturam, em tese, mas estavam todos lá – ainda que sob linhas invisíveis a separá-los – na mesma praça, sob as bençãos de nossa senhora, padroeira (em tese) de todas essas tribos

**sábado 11** o escritor nas escolas, o escritor a ocupar determinados espaços físicos, a literatura nas paredes e saraus, a exposição de fotos, a oficina no barão de mauá, os diários na super banca, o convite para ver a orquestra tocar à noite, as ideias para uma antologia, o financiamento de livros pelo fundo de cultura, a recepção ao músico visitante, a situação da música no país, a pressão do imperialismo através das gravadoras e o jabá às rádios para tocar o lixo: assuntos que passaram hoje por mim. as queixas neutralizadas pelas ideias e o fazer

**domingo 12** frenético maestro mexicano é convidado a assumir a batuta da orquestra local. dvorák (concerto em si menor, opus cento e quatro, para violoncelo e orquestra), com o solista del claro a extrair um dos mais belos sons que já ouvi de um violoncelo. stravinski (sinfonia número seis, em si menor, opus setenta e quatro – patética). uma deliciosa sarabanda de bach foi a celebração e o brinde do bis que permite a maciez necessária ao começo da semana

**segunda 13** de quantas pessoas a arte fará parte do dia-a-dia neste início de século?

**terça 14** (re)leio o sempre amado poeta da minha infância, declamado, então, com devoção e, hoje, como desagravo, tão injustamente preterido pela crítica e os leitores que o desconhecem

quarta 15 uma moqueca acompanhada de arroz branquinho, caipirinha (de pinga e limão, a legitima) e do verdíssimo azul do mar do guarujá, faz da comemoração da república um dia memorável

quinta 16 saldo de uma noite pedagógica: a palestra-espetáculo ensinou os professores a resolver situações difíceis em sala de aula, ministrando-lhes receitas de felicidade (“o amor é o ser eterno no centro da individualidade” !!!). exaustos pela energia gasta no show aeróbico, retiraram-se os mestres ouvintes, deixando às moscas todos aqueles que não eram estrelas e não possuíam receitas prontas para o insolúvel problema de ensinar sem saber

sexta 17 avanço madrugada adentro a ler história da literatura em santo andré. olhar arguto e distanciamento crítico, o autor soube separar o joio no campo da província, inundado por um caudal de letras e pouca literatura. saldo apurado: em que pese o atraso, temos/somos (alguma) história

sábado 18 salmon grelhado, acompanhado de arroz negro e palmito com catupiry no novíssimo restaurante dá início às tertúlias costumeiras do sábado. abecês na pauta da reunião. resenhas, matérias, entrevistas, notas, rotina de fechamento do nº 2, o conselho animado. o final da tarde alpharrabista é preenchido com vinho. ler e escrever em casa, pois nem só de conversa e celebração vive uma escriba

**domingo** 19 preparo um vatapá para toda a família e o dia gira em torno de sabores e afagos

**segunda** 20 difícil entender os malabarismos praticados nos bastidores da política que o jovem candidato a secretário municipal tenta me relatar, sobre os quais não tenho o menor interesse. pede-me conselhos e relata todos os conchavos que fizeram para que seu nome passasse a figurar entre os secretariáveis. digo-lhe que pode contar com a minha simpatia, mas não posso ir além de algumas dicas de acho não acho. de bastidores político-partidários é do que menos entendo e nem desejo entender

**terça** 21 meu contador sentencia: a senhora é proprietária de uma empresa surreal. enquanto eu tenho que inventar formas de esconder faturamentos e lucros para os meus outros clientes, vamos ter que inventar um faturamento acima do real porque não convenceremos o fisco de que todas essas despesas não são pagas com o resultado das vendas, mas com o fruto de um ideal. eu, com meus botões: pagar impostos sobre o tal do ideal é realmente um quadro... surrealista



**quarta 22** um dia a navegar

um) velejar num mar de livros, seduzida pelo desconto de cinquenta por cento e comprar mais do que posso ou poderei ler, pelo vício ou pela ideia de que um dia, por eles estarem, assim, à mão, poderei lê-los

dois) passear pelo resultado artístico do buril no metal, do metal impresso em papel, do papel à mostra, da arte que já andou em terras portuguesas e nasceu em território de ramalho. volta às origens. velas a sugerir a leveza de caravelas, caramurús (os fogos) a lembrar macunaímas (os brasileiros) – viagem apreciável, desfrutada quase a sós (ausência de espectadores)

três) descer em porto não escolhido, naufrago ao deus-dará, em meio a multidão de bacanas é programa equivocado, apesar do champanha e dos apetitosos morangos frescos. a arte para decorar, apenas. a arte que não vai além do acontecimento social

**quinta 23** perdeu-se o rabisco do dia no guardanapo roubado às horas da refeição. apenas o estômago ficou satisfeito

**sexta 24** escritores e aspirantes, às pencas, ansiosos para saber o tamanho do verbete (ou o eventual elogio) que o poeta-historiador lhes dedicou (antes da obra, a glória... suprema aspiração). o autor do livro, entretanto, hábil e perspicaz, soube contornar as vaidades dos sem-obra, sem enterrar-lhes a adaga no peito

**sábado 25** pessoa invocado nos sessenta e cinco anos de sua morte, pessoa entranhado quase cem anos depois da coca-cola, pessoa engolido frio, como a dobrada que sempre deve ser quente, mas, às vezes, é servida fria. morin, chardim e gramsci na roda, cutucões salutares, inquietudes do espírito

**domingo** 3 aos usuários costumeiros das manhãs de domingo da super banca de jornais agregam-se outros que vão lá não apenas para comprar o pesado (literalmente) jornal o estado ou a folha ou, ainda, o diário, mas para comprar livros e conversar. uma sessão de autógrafos matutina de surpreendente sucesso. vieram, no dizer de um deles, encontrar seres humanos que escrevem livros, referindo-se, sem o saber, ao grande saramago que, numa palestra (antes do nobel) em são paulo, disse que, na verdade, aquilo que o leitor procurava num romance era o homem que estava atrás da literatura

**segunda** 4 o cotidiano de um médico andreense, dedicado por mais de trinta anos à clínica geral num bairro de santo andré foi transformado em histórias, de surpreendente qualidade literária, mas, sobretudo, de um raro conteúdo humanista, em tempos de medicina coletiva, especialidades e tratamento impessoal. são esses originais que me são confiados e que gostaria de publicar

**terça** 5 o território selvagem por onde passeiam, desenvoltos, os senhores donos das grandes de redes de comércio é pequeno e sujo. sonegam impostos, recebem mercadoria em consignação dos pequenos fornecedores, vendem a mercadoria à vista e levam meses para pagar. de costas para esse inóspito território que só quer saber do que vende por antecipação, do lucro certo a qualquer custo, permanecerei, alternativa sempre

quarta 6 comprar flores, peixe e verduras na já tão familiar feira livre do jardim bela vista, cozinhá-los misturando cheirosas especiarias que remetem ao quinhentista comércio com as índias, receber a aposentadoria do velho pai e levá-lo ao oftalmologista, comprar uma peça para o exaustor, cortar o cabelo e cuidar de alguns aspectos da beleza física, reunir-se com um baiano cheio de vida e entusiasmo a planejar a passagem de ano, encontrar-me com poetas e artistas plásticos numa cervejaria (argh! não gosto do cheiro de cerveja e muito menos do barulho de música tecno) para receber uma agenda recheada com arte e poesia. dormir com a sensação de que o dia está cada vez mais esticado e é preciso ser muitas

quinta 7 o guarujá neste começo de férias está do jeito que sempre deveria ser. céu sem uma só nuvem, a praia livre para andar, água verde e limpa a cheirar somente a maresia, restaurante sem atropelos, ausência total de filas. relaxo na pausa roubada à rotina

sexta 8 como sempre, com a proximidade do natal, parece haver uma certa excitação no ar, como se a vinda do salvador realmente fosse esperada, mas na forma de presentes e consumo. um simples jantar numa cantina, pode, neste período, transformar-se num verdadeiro exercício de guerra, graças à necessária estratégia calculada para obter uma mesa em meio à troca de amigos secretos

sábado 9 são quatro horas da tarde. a livraria, diz-me a secretária ao telefone, está fervendo. é bom saber que isso independe já da minha presença! vou. poetas, aspirantes, leitores, tribos várias. vou e envolvo-me, mais uma vez, com o ofício da paixão e do (des)compromisso

domingo 10 supermercado (ai, meu deus! até aos domingos!). sina ou opção?

segunda 11 no leilão de arte, assisto à disputa por um volpi ("uma casa no cambuci") da década de quarenta, fase bem anterior à das bandeirinhas, cujo preço mínimo foi fixado em quarenta e oito mil reais (quatorze mil dólares), e ficou com uma oferta de quarenta e quatro mil reais, sob consulta. bom ver a pintura brasileira atingindo bons preços e cada vez mais distante do meu bico. vou ficando com os jovens artistas, principalmente, os do grande abc, dos quais já tenho algumas dezenas de obras. compro apenas o que gosto, sem compromisso com valorizações

terça 12 dou entrada na documentação para requerer igualdade de direitos civis e políticos. sem deixar a minha cidadania portuguesa quero exercer a minha cidadania brasileira, já que brasileira de fato sou (ficaram-me apenas a saudade e a literatura portuguesas, talvez a essência do que já não sou). só que, para trocar de documentos (novamente), terei que enfrentar duras provas de resistência diante da burocracia, a provar que só de intenções não se pode construir uma identidade (já a terei eu, cidadã que ainda não sabe exatamente quem é?)

quarta 13 menu do dia:  
prêmio apca para sacilotto e tide helmeister. orgulho e alegria  
duplos: da arte e dos amigos, dos quais minhas paredes  
abrigam obras  
preparar o costumeiro peixe das quartas  
fechar o canal do dente incisivo  
tomar café na ofner  
jantar com os amigos da ube que parece envelhecer junto a  
seus associados  
namorar e espantar o tédio

quinta 14 diplomatas de carreira, via de regra, são feitos de sorrisos de festas, de frases de festas, de posturas gentis em festas. à luz do dia, são burocratas sem brilho, escravos de assinaturas e registros protocolares. são decepcionantes os diplomatas e sempre que topei com um deles deu-me a impressão de estar frente a uma esfinge atitudes politicamente incorretas incomodam diplomatas que sempre acham um jeito de repará-las, pois, do contrário, não seriam diplomatas. precisará o mundo de diplomatas?

sexta 15 sexta sinfonia

movimento nº um: sessão de estica-músculos, necessário sacrifício em compensação à vida horrivelmente sedentária  
 movimento nº dois: primeira etapa da corrida pró-obtenção da igualdade de direitos (e deveres) brasileiros. a manhã gasta a preencher formulários e procurações  
 movimento nº três: um rápido passeio pelas prateleiras de um sebo, fuçar a empoeirada prateleira de poesia: nenhuma pepita encontrada, o mercado anda muito esperto, peneira-se e não fica mais nada na bateia  
 movimento nº quatro: cenas de uma noite de todas as tribos num mesmo espaço geográfico: a elite recebe os pares, fala de livros e come uvas e patês; no porão, tribos periféricas e suas legítimas expressões (hip-hop, rap, teatro e grafite). apoteose: as tribos misturam-se. delícia observar a expressão dos chamados meninos e meninas de rua diante dos sedutores cachos, desdenhados pelos da fartura – a festa, agora sim, realmente a acontecer

sábado 16 nada de novo até onde a vista alcança. a cidade inteira foi ao shopping (eu ainda não, mas sei que, submissa e rendida, irei – exercício natalino/consumista)

**domingo** 17 o jogo político está posto e a ciranda da troca de cadeiras roda e roda. bochichos, telefonemas, farpas, especulações, ecos de batalhas. à espera das armas depositadas, confortavelmente instalada no meu observatório secreto, espero

**segunda** 18 saudades do tempo em que era tão mais fácil comprar presentes e as crianças demonstravam contentamento e êxtase mesmo diante de um singelo brinquedo... quando não havia um, criava-se. no mundo da superficialidade e excesso, as crianças são levadas a escolher seus presentes e, diante de tanta oferta e tecnologia... o fastio

**terça** 19 o dinheiro dispensa a fila e o enfado. despachantes e seus clientes são atendidos em guichês especiais, enquanto o povaréu amarga horas à espera. que país injusto e que serviço público cretino fomentando e aprofundando cada vez mais a desigualdade



quarta 20 leio no diário que o tal asfalto ecológico, experimentado no bairro denominado ecológico, cedeu às últimas chuvas, abrindo grandes buracos nas tais das ruas ecológicas. a cidade impermeável achou que bastaria chamar de ecológico um determinado asfalto e os problemas com o meio ambiente estariam resolvidos. lei da enganosa facilidade e modismo

quinta 21 o clima é de natal e, humana e contaminada, vou com as filhas para o shopping a celebrar profanamente o advento

sexta 22 enviar a cinquenta amigos votos de boas festas, clicando cinquenta vezes a tecla enter, deu-me a sensação de linha de montagem. render-se às facilidades do mundo virtual e, pela primeira vez na vida, não usar o bom e velho correio nem a pena da caneta-tinteiro, dá-me uma sensação de ser outra. sem deixar de usufruir as vantagens da tecnologia, retornar à escrita manual, deixando a marca do corpo na mensagem, será o primeiro dos muitos propósitos para o milênio entrante

sábado 23 as mãos feridas pelas espinhas do bacalhau, cuidadosamente retiradas do peixe que irá para a mesa da ceia de amanhã, que celebrará o milagre do (re)nascimento de minha mãe que, frágil, mas íntegra, participa da festa de que ela mais gosta



**domingo** 24 cabeleireiro aos domingos é mesmo uma conquista capitalista, onde os serviços precisam se adaptar às cada vez mais exigentes demandas. lá vou eu usufruir desse serviço, dantes impensável neste dia. relaxar para mais uma vez celebrar o convívio

**segunda** 25 o almoço é a continuação da ceia, acrescido de novas iguarias. fartura para atrair fartura, já diz a tradição da mesa lusa

**terça** 26 dia de preparativos. viajar é (sempre) preciso. viver também

**quarta** 27 esse ofício do verso, de borges, é a leitura de bordo do air bus da varig. sessenta e duas páginas depois, já em salvador, confirmo a minha preferência pelo borges pensador da leitura, do livro e da poesia, apesar da excessiva recorrência dos temas, sempre instigante e provocador: “Sempre que folheava livros de estética, tinha a desconfortável sensação de estar lendo as obras de astrônomos que nunca contemplavam as estrelas. Quero dizer, eles escreviam sobre poesia como se a poesia fosse uma tarefa, e não o que é em realidade: uma paixão e um prazer”. pragmático: “Temos de nos haver com a mitologia de nosso tempo. Pois as palavras significam essencialmente a mesma coisa”. já se vê que isto está longe de representar um teórico a serviço do cientificismo crítico, antes, trata-se de um caso de paixão pela palavra escrita (e impressa)

quinta 28, salvador pousada imbassaí, praia do mesmo nome, o rio a misturar-se ao mar, o doce ao salgado, o ócio à rotina. esticar-se ao sol: caranguejo a comer o próprio. cachaça com limão. pantagruel e baco ficariam humilhados com a concorrência

sexta 29, salvador pequenos autores na livraria grandes autores, cenário do encontro. o imaginário cultural do abc com o sincretismo cultural da bahia. ao redor da fogueira das letras e dos afetos, as anotações diárias de quem só vive trabalho. violão e fagote, troca humana esticada noite afora, comilança de mariscadas no paraíso perdido

sábado 30, salvador perplexa, constato: ainda se pratica política da fase pré-qualquer-coisa. contam-me: na última eleição para prefeito de uma minúscula cidade do sertão, que vinha de uma gestão considerada por todos como exemplar, o prefeito não se reelegeu porque o candidato da oposição, um jovem inexperiente, ganhou a eleição deixando crescer o cabelo e iniciava os comícios com um bordão “uga-uga”, retirado de um personagem, um pseudo-índio-branco de uma novela da rede globo. eis aí o formidável poder do mito! contam-me ainda: chega-se a gastar um milhão de reais numa campanha para prefeito de uma cidade com cerca de quarenta mil habitantes. valerá tanto assim o poder?

domingo 31, salvador patos e tartarugas rejeitadas convivem com enormes e irrequietos falos de plástico inflado, a flutuar nas águas iluminadas à beira das cabanas aruá, por onde circulam garçons negros de coloridos cabelos e dentes fosforescentes, sensualidade a transbordar no balouço das ancas e nas bordas de beijos quentinhos em forma de grandes lábios – a bahia exala sexo. ao som de um bruxo que às vezes é também papai noel, os corpos vibram e celebram o milagre da comunhão. a alegria abrande e dá-se o silêncio. é quando o breu vai dando lugar ao reflexo das palmeiras na água, calam-se as vozes e quedam-se os corpos diante do indescritível espetáculo do amanhecer. a fruta pão, a tapioca, a banana cozida, o aipim, o cuscuz de milho, os bolos e sucos substituem as taças de destilados e espumantes. o sol lentamente vai colorindo a aruá e todos os que ali se encontram – o rito de passagem está consumado. os corpos nem se aperceberam da noite em claro e recebem o milênio novo em estado de graça no alvorecer de um dia esplêndido, tal qual o sonho de salvador bahia, onde os devotos de todas as divindades, sincrética e brasileira, se confraternizam e são abençoados. rito consumado

*\* ao revisar o diário, já no final do ano, encontrei em branco este dia vinte e cinco de abril do ano dois mil de nosso senhor jesus cristo. teria eu realmente vivido esta terça-feira ou, ao não anotá-la, perdi-a para sempre?*



## DALILA TELES VERAS

**Dalila** (Isabel Agrela) Teles Veras, natural da Ilha da Madeira, Portugal (1946). Reside no Brasil desde 1957. Publicou os livros de poesia: *Lições de Tempo*, *Inventário Precoce*, *Elemento em Fúria*, *Forasteiros*, *Registros Nordestinos*, *Madeira: do Vinho à Saudade*, *A Palavra parte*, *A Janela dos Dias – poesia quase toda*, *Vestígios*, *Poesia do Intervalo*, *Solilóquios*, *Pecados*, *Retratos Falhados*, todos de poesia. No gênero crônica, é autora de *A Vida Crônica* e *As Artes do Ofício*. Em 2000, publicou *Minudências*, um diário do ano de 1999. Possui trabalhos (poemas, crônicas, artigos, ensaios e textos literários) publicados em jornais e revistas do país e do exterior (*Folha de São Paulo*, *Revista Cacto*, *Revista Livrespaço*, *Revista A Cigarra*, *Jornal Letras & Artes*, Portugal, entre outros). Animadora cultural, há mais de três décadas organiza e colabora na organização de cursos, seminários e congressos. Dirige, desde 1992, a Alpharrabio Livraria e Editora, em Santo André-SP, referência na região, voltada para a divulgação das artes, da literatura e o debate de idéias na região do Grande ABC. Desde 2007 coordena o Fórum Permanente de Debates Culturais do Grande ABC.



